



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CLAUDIA CRISTINA GATTI FÉLIS

**INTERAÇÃO NA INTERNET: OS *BLOGS* COMO UMA NOVA
FORMA DE USAR A LINGUAGEM**

Londrina
2008

CLAUDIA CRISTINA GATTI FÉLIS

**INTERAÇÃO NA INTERNET: OS *BLOGS* COMO UMA NOVA
FORMA DE USAR A LINGUAGEM**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Estudo da Linguagem.

Orientadora: Prof. Dr^a Elvira Lopes
Nascimento

Londrina
2008

CLAUDIA CRISTINA GATTI FÉLIS

**INTERAÇÃO NA INTERNET: OS *BLOGS* COMO UMA NOVA
FORMA DE USAR A LINGUAGEM**

Dissertação apresentada ao Departamento
de Letras da universidade Estadual de
Londrina.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Elvira Lopes Nascimento
Universidade Estadual de Londrina

1^a Titular

Profa. Dra. Maria Ap. Garcia Lopes Rossi
Universidade de Taubaté

2^a Titular

Profa. Dra. Regina Maria Gregório
Universidade estadual de Maringá

Londrina, 18 de junho de 2008.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos que me são caros: a Deus, minha fortaleza e refúgio. A meus pais, Jurandir e Cleonice; minhas irmãs, Gianni e Michelle; aos professores que foram responsáveis pela minha formação, aos grandes amigos que adquiri ao longo desses anos de estudo e aos velhos e bons amigos que estiveram ao meu lado e souberam me entender em momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para a realização desse trabalho:

Aos meus pais que sempre me incentivaram realizar meus sonhos, que me ensinaram o caminho da dignidade, perseverança, honradez e do trabalho, acreditando, sempre, na minha capacidade;

aos mestres do PPGEL que incentivaram e muito acrescentaram em minha vida acadêmica e profissional;

à minha orientadora, que acompanhou meus passos, sendo exemplo de dedicação e trabalho, maior responsável pelo meu crescimento intelectual e acadêmico;

às grandes amigas que fiz no percurso de minha vida acadêmica, em especial à Maria Ilza, Ana Paula, Maria Virgínia, Eliane, Neil; aos demais, amigos de longa data, que estiveram ao meu lado e entenderam quando não lhes pude dar maior atenção.

a DEUS por ter me concedido a graça de partilhar minha vida com pessoas tão especiais, pela saúde física e intelectual que me concedeu e por estar comigo sempre, nos momentos bons ou difíceis.

FELIS, Claudia Cristina Gatti. **Interação na internet: os *blogs* como uma nova forma de usar a linguagem**. 2008. 119f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

RESUMO

O *blog* é um gênero textual emergente em nossas práticas sociais e isso significa, para o professor, um desafio que tem sido encarado de diversas maneiras: para uns, uma prática de linguagem que deve ser ignorada como pretexto para impedir a corrupção e morte do idioma pátrio; para outros, como prática de linguagem que deve ser combatida, porque afasta o adolescente das práticas letradas da cultura da escrita. Ao adotarmos uma postura equilibrada, preferimos lançar um olhar valorativo ao *blog* a partir da Ciência da Linguagem, que considera qualquer forma de uso como manifestação do sujeito mergulhado em um contexto sócio-histórico onde a pluralidade e a diversidade constituem a realidade humana. Assim, motivadas pelas dúvidas e inseguranças diante desse novo objeto de ensino-aprendizagem, percebemos a necessidade de elaborar estudo sobre as características contextuais, discursivas e lingüísticas dessa forma de configurar a linguagem propiciada pelo avanço tecnológico e, sobretudo, sobre as capacidades de linguagem demonstradas pelos adolescentes nas interações mediadas pelos *blogs*. Contribuindo para o enfoque dos gêneros digitais como objeto de ensino na escola fundamental, a pesquisa toma como ponto de partida hipóteses relacionadas com o desenvolvimento de capacidades propiciadas pelas atividades de linguagem no ambiente virtual já que, nesse “território livre”, os agentes recorrem a novas formas de ler, interpretar e escrever que precisam ser estudadas pelos profissionais da educação. Tendo em vista, de um lado a existência do gêneros textuais como pré-construídos portadores de indexações sociais que constituem o quadro das produções verbais; e de outro lado, a situação de ação de linguagem de um agente singular, o nosso enfoque recai sobre os textos produzidos pela intervenção das condições de produção, o tipo de interação em jogo e a adaptação do gênero escolhido que resulta em um texto que apresenta os traços da adaptação à particularidade da situação. Assim, buscamos desvelar características das condições de produção e da organização interna dos *blogs*, isto nos ajudará a elucidar aspectos da questão que envolvem a validade (ou não) desse instrumento na vida escolar das pessoas, objetivo desta pesquisa e, ao mesmo tempo, constituir um conjunto de conhecimentos sobre o texto do *blog* produzido por adolescentes na faixa etária da oitava série do ensino fundamental. Dessa forma, procedemos à análise comparativa de dois grupos de textos: oito textos produzidos nos blogs de quatro alunas (dois de cada autora) de uma oitava série e quatro textos produzidos em situações escolares que tiveram peso de avaliação escolar (prova de “redação”), tomando como fundamento teórico o interacionismo sociodiscursivo e o modelo de análise proposto por Bronckart (1999; 2006). A pesquisa nos conduziu à conclusão de que o *blog* é um objeto de interação que está presente no dia a dia dos adolescentes e que pode ser transformado em objeto de ensino-aprendizagem de língua, desde que o professor também se aproprie desse instrumento e, assim, possa apontar as dimensões ensináveis do gênero que permitam a sua abordagem como objeto de ensino.

Palavras-chave: Gêneros textuais digitais. Interacionismo sociodiscursivo. Ensino de língua portuguesa.

FELIS, Claudia Cristina Gatti. **Interaction in the Internet: blogs as a new form to use language.** 2008. 119f. Dissertation (Master's in Studies of the Language) – Universidade Estadual de Londrina, 2008.

ABSTRACT

The blog is a kind word in our emerging social practices and that means, for the teacher, a challenge that has been seen in several ways: for some, a practice of language that should be ignored as a pretext to prevent corruption and death of language homeland; for others, as practice of language that must be fought because removes the adolescent practices scholars culture of writing. When adopting a balanced position, we prefer to launch a valorization look to blog from the Science of the Language, wich considers any form of use as a manifestation of the subject steeped in a social-historical context in wich the plurality and the diversity constitute the reality human being. Thus, motivated for the doubts and uncertainties facing this new object of teaching-learning, realize the need to draw up study on the characteristics contextual, discursive linguistic thus setting up the language favored by technological advancement and especially the capacity of language demonstrated by adolescents in interactions mediated by blogging. Aiming to contribute to the focus of genres such as digital object of basic education in school, the search takes place on the basis of assumptions related to the development of capacities propitiated for the activities of language in the virtual environment since, in this "free territory", the agents appeal the new forms to read, to interpret and to write that they need to be studied by the professionals of the education. In view of, of a side the existence of carrying the literal sorts as daily pay-constructed of social indexations that constitute the picture of the verbal productions; e of another side, the situation of action of language of a singular agent, our approach falls again on the texts produced for the intervention of the production conditions, the type of interaction in play and the adaptation of gender chosen which results in a text that presents traces of adaptation to the peculiarity of the situation. Thus, we reveal characteristics of production conditions and the internal organization of blogs with the purpose to contribute to elucidate aspects of the question that involve the validity (or not) of this instrument in the pertaining to school life of the people and, at the same time, constitute a body of knowledge on the text of the blog produced by adolescents in the age bracket of the eighth grade of elementary school. From this form, we proceed to the comparative analysis of two groups of texts: eight texts produced in blogs of four pupils (two of each author) of one eighth series and four texts produced in pertaining to school situations that had had weight of pertaining to school evaluation ("writing" test), taking as theoretical bedding the interactionism sociodiscursive and the model of analysis considered for Bronckart (1999; 2006). research in lead them to conclusion of that blog is object of interaction that is present in the day the day of the adolescents and that it can be transformed into object of language teach-learning, since that the professor also if appropriates of this instrument and, thus, can point the dimensions you taught of the sort that allow its boarding as object of I teach.

Keywords: Digital literal sorts. Interacionism sociodiscursive. Education in Portuguese Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Folhado Textual	65
Figura 2 – <i>Blog</i> dividido em partes: parte 1.....	67
Figura 3 – <i>Blog</i> dividido em partes: parte 2.....	69
Figura 4 – <i>Blog</i> dividido em partes: parte 3	69
Figura 5 – Esquema gráfico do plano textual global do gênero <i>blog</i>	70
Figura 6 – Esquema gráfico do plano textual global do gênero” produção textual”	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese das Articulações Internas	64
Quadro 2 – A organização sequencial	73
Quadro 3 – A coerência verbal	76
Quadro 4 – A coerência nominal	79

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 – As transgressões nos *blogs* 91

Gráfico 2 – Os desvios linguísticos nas produções textuais..... 92

Tabela 1 – Coordenadas gerais dos mundos 52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIFEFIL - Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos

ISD – Interacionismo Sócio-Discursivo

NTICS – Novas Tecnologias da Informação e Comunicação

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

TCO/ IP – TCO: *Transmission Control Protocol* (Protocolo de Controle de Transmissão)

PI: *Internet Protocol* (Protocolo de Interconexão) TELEDUC – Educação a distância, através da Internet

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO..... 13

1.1 Justificativa da Pesquisa..... 15

1.2 Descrição do Corpus: Critérios e Escolhas 18

1.3 Objetivos 20

1.4 Procedimentos e Roteiro do Trabalho 21

CAPÍTULO II

AS NOVAS TECNOLOGIAS PARA UM LETRAMENTO DIGITAL 23

2.1 O Letramento na Era Digital..... 25

2.2 O Letramento Digital: Reflexões em Torno do Tema 27

2.3 A Ação de Linguagem Pela Via da Internet: Novo Foco para as Intervenções Didáticas..... 33

CAPÍTULO III

O GÊNERO TEXTUAL COMO OBJETO DE ENSINO-APRENDIZAGEM..... 45

3.1 O Modelo de Análise de Textos Proposto pelo ISD 49

3.1.1 Os Tipos de Discurso e o “mundos discursivos” 50

CAPÍTULO IV

RESULTADO DAS ANÁLISES: O BLOG NA PERSPECTIVA DO INTERACTIONSIMO SOCIODISCURSIVO54

4.1 O Contexto de Produção..... 55

4.1. 2 Resultado das Análises: O Contexto de Produção 60

4. 2 A Infra-Estrutura Textual dos 63

4.2.1 O Plano Geral dos Textos 66

4.2.2 Os Tipos de Discurso 71

4.2.3 Tipos de Seqüência mais Freqüentes nos Blogs 72

4.2.4 A Coesão Verbal nos Blogs..... 74

4.2.5 A Coesão Nominal nos Blogs 77

CAPÍTULO V

AS PRODUÇÕES TEXTUAIS EM SALA DE AULA: A REDAÇÃO ESCOLAR 83

5.1 Breve Exposição da Infra-Estrutura Textual nas Redações Escolares 84

5.2 As Capacidades para as Escolhas 86

5.3 As Análises da produção de textos escolares..... 87

5.4 Os Desvios Lingüísticos Comuns entre Blogs e Produção Textual 91

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 93

REFERÊNCIAS 96

ANEXOS 104

CAPÍTULO I

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da Internet e as profundas mudanças sócio-culturais que ela vem causando, alguns conceitos aos quais estamos acostumados vêm se modificando. As concepções de constituição dos saberes também sofrem com tais mudanças, pois, como afirma Marcuschi (2004, p. 37), “a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo”.

Pela importância que atribuímos à consideração da estrutura discursiva da interação face-a-face, também é importante que busquemos compreender de que forma a interação *on-line* acontece e em que consiste a sua influência nos discursos diários, a tal ponto que acaba por desafiar as noções tradicionais de discurso e interação.

O mundo dos computadores e da internet vem revolucionando a forma de interação entre os homens de uma maneira como a televisão e o rádio fizeram em suas épocas, porém, nos parece que com uma maior abrangência. A produção e distribuição de conhecimento tornaram-se rápidas e eficazes, levando a milhares de pessoas informações que só chegariam a alguns lugares com algum atraso.

Retomando aspectos sócio-históricos do advento da Internet, a busca de Ferreira (2004) aos primeiros registros de interação através da Internet nos leva ao ano de 1962, quando se encontraram memorandos trocados entre estrategistas de guerra. Essa interação ocorreu nos tempos da Guerra Fria com o nome de *AlphaNet* e servia para manter a comunicação das bases dos Estados Unidos, mesmo que o Pentágono fosse totalmente destruído.

O autor supracitado menciona que, com o fim da Guerra Fria, a *AlphaNet* tornou-se inútil e os militares resolveram permitir que cientistas tivessem acesso. Mais tarde, cederam esse privilégio às universidades norte-

americanas, que depois estendeu esse direito a universidades de outros países, possibilitando que pesquisadores, em computadores domésticos a acessassem. Assim, nascia a imensa teia da comunicação mundial: W W W.

Como resultado desse processo mencionado por Ferreira, em 1983 ocorre a oficialização da *Arpanet* para fins científicos e a criação da *Milnet* para fins militares. Mais tarde, na Califórnia, a rebatizada *Arpa-Internet* foi beneficiada pelo *Unix*, sistema operacional que possibilitava o acesso ao computador, e pelo protocolo TCP/IP, que permitia a comunicação entre redes diferentes.

Para o pesquisador acima citado, os anos 90 foram a década da consolidação da Internet, tempo muito curto, se levarmos em consideração que o rádio demorou quase 30 anos para se consolidar como mídia durante o ataque contra *Pearl Harbor*, em 1942, quando 74% dos americanos acompanharam os acontecimentos pelo noticiário. A Internet se consolidou como mídia em pouco mais de uma década, quando no atentado de 11 de setembro de 2001, levou ao mundo todo, e em tempo real, os trágicos acontecimentos daquele. Como está presente em todos os lugares, no momento em que os fatos ocorrem, a rede mundial de computadores se firmou como um recurso de suporte, pesquisa, difusão de notícias e arquivamento de informações.

Atualmente, a Internet se constitui numa rede de redes que se configura, desde meados dos anos 90, como o principal ambiente global da CMC (Comunicação Mediada por Computadores).

Reportando-nos agora às atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano (BRONCKART, 2006), refletimos sobre as interações propiciadas pela Internet, novo ambiente de comunicação em que se estabilizaram modos “relativamente estáveis” (BAKHTIN, 1979/1992) de configuração das atividades de linguagem envolvidas nas práticas de uso da linguagem pela via da Internet. São os chamados “gêneros digitais”, que, segundo Marcuschi (2004, p.13) constituem “um conjunto de gêneros textuais que estão emergindo no contexto da tecnologia digital em ambientes virtuais” e que materializam novas formas de interação. Assim, esse “novo” em ação tem confrontado os indivíduos com novas formas de interação e novos instrumentos

de mediação nas diferentes formações sociais/discursivas, entre elas, a escolar.

Ao mesmo tempo em que se populariza o seu uso, também se constituem desafios para os cidadãos que necessitam incorporar tais práticas às suas atividades de linguagem. Desafio que implica a necessidade da elaboração de fundamentos teóricos e metodológicos que permitam a implementação de *mediações formativas* (BRONCKART, 2006, p. 105), através das quais “esses pré-construídos da história social humana sejam apresentados aos indivíduos singulares”. E como já afirmamos, é nessa ótica que realizamos este trabalho, através do qual analisamos algumas propriedades dos *blogs* em seus componentes contextuais, discursivos e lingüístico-discursivos tendo em vista a apropriação dessa prática de linguagem no ambiente virtual da Internet.

Desafio que implica inúmeros problemas, desde os que são ligados ao uso escolar do computador, passando pelo acesso do alunado da escola pública ao computador doméstico; aos problemas relacionados à didática das línguas (sobretudo da língua inglesa) e à problemática da intervenção didática, pois o uso dos gêneros digitais implica capacidades de uso de *modelos de textos* em constante transformação, configurando diferentes operações cognitivas para a textualização.

Os gêneros do “mundo digital” também podem ser considerados como *megainstrumentos* (SCHNEUWLY, 1994/2004, p. 28) de mediação entre as práticas sociais e a aprendizagem dessas práticas, o que significa, de acordo com o autor, que os gêneros textuais “digitais” (tal qual os gêneros de outras esferas de comunicação) se estabilizam por meio de “vários subsistemas semióticos (lingüísticos e paralingüísticos), permitindo agir eficazmente em uma situação” (op.cit).

1.1 Justificativa da Pesquisa

O uso da internet constitui, nos dias de hoje, um instrumento de mediação e sedução quase irresistível para os adolescentes.

Nossas entrevistas com adolescentes confirmam nossa tese de que a maior parte deles não pode mais ficar sem o acesso a ela e o seu suporte, o computador, é o “sonho de consumo” dos adolescentes que ainda não o têm.

No imaginário juvenil, a internet surge como um mundo novo, onde as regras de ação e de comunicação em uso elaboram uma linguagem que articula os jovens em torno de condutas discursivas, textos e/ou discursos que são objeto de *avaliações* (BRONCKART, 2006, p 144). O autor postula que os gêneros, como toda obra humana, são “objetos de avaliações ao término das quais eles se encontram afetados (nas representações coletivas) por diversas indexações” que podem ser quanto a sua natureza referencial (qual atividade esse gênero de texto pode comentar?); comunicacional (para que tipo de interação esse comentário é adequado?); cultural (qual é o valor agregado ao domínio desse gênero?).

Entre os usuários dos *blogs*, sobretudo os mais jovens, as *avaliações* (indexações) mútuas são a chave para a inclusão ou exclusão do grupo social - *blogueiros*¹ que interagem entre si de forma anônima, velada, no espaço infinito do mundo virtual. Ser aceito nesse mundo significa participar de uma “comunidade”, espaço de alteridade, da relação com o outro, onde a realidade subjetiva é dialeticamente moldada na interação (KLEIMAN, 1998b, p. 272). No processo psicológico do indivíduo, a sua necessidade de filiação a um grupo que ele avalia e identifica positivamente implica uma reorientação no campo psicológico, porque o conceito de si próprio passa a ser organizado em torno das características e traços identitários assumidos pelo grupo com o qual se identifica. Assim, ainda segundo Kleiman (1998b) ao se referir a um conjunto de pesquisas que examinam a formação de estereótipos, “o indivíduo instancia e reproduz o grupo, ao mesmo tempo”. Surgem daí relações de caráter intergrupais, identidade social que envolveria o tipo de interação apoiado no grupo que tem posições sociais e avaliações semelhantes: uma “comunidade”.

Neste contexto sócio-comunicativo, os *blogueiros* constituem uma comunidade ainda que virtual, ou seja, um grupo que põe em jogo durante as interações as avaliações sobre as capacidades de operar com os instrumentos

¹ Bloguista/blogueiro/blogger: **Blogueiro** é um [neologismo/jargão](#) utilizado para designar aquele que escreve em blogs. O universo dos blogueiros (a soma de tudo o que está relacionado a este grupo e este grupo em si) é conhecido como [blogosfera](#).

(gêneros) que as configuram - o que já constitui uma problemática que se refere aos processos de mediação formativa.

Nesse quadro e porque, de acordo com nossa pesquisa junto aos alunos da escola em que atuamos, a comunidade virtual dos *blogueiros* também se constitui entre colegas de uma mesma escola ou sala de aula adentrando, dessa maneira, no ambiente escolar, e objetivando a ampliação dos fios que articulam os elementos da comunidade virtual, consideramos que dentro de um processo formativo, a rede de contatos poderia se ampliar, abrangendo os colegas da escola mas incluindo também o professor. Dessa forma, acreditamos que o *blog* pode emergir, não apenas como instrumento mediador das interações sociais, mas como instrumento mediador de processos formativos, ou seja, como objeto de ensino-aprendizagem.

Na Internet os adolescentes lêem e escrevem mais do que em qualquer outra atividade, segundo resultados de pesquisa realizada por Xavier (2001) (*on line*) na qual afirma “ a leitura foi a atividade que as pessoas entrevistadas passaram a fazer com mais freqüência depois que conheceram a rede.”

Experts nas investigações sobre gêneros digitais e sua influência nas escritas escolares como Araújo (2007), levantam questões acerca de quais os gêneros mais usados no ambiente virtual e quem são seus produtores. Já Marcuschi (2004, p.64) esclarece que “as novas formas de escrita [...] reproduzem estratégias da língua falada [...] que propiciam uma escrita mais amigável e mais próxima da fala”.

Das questões que permeiam as investigações sobre a utilização dos gêneros virtuais, a nosso ver, uma das que mais necessita de ser investigada é a que versa sobre como essa escrita é vista pela escola. Ainda encontramos muitas questões a serem respondidas sobre a verdadeira influência da internet na aprendizagem lingüística dos adolescentes.

Para Caiado (2007, p39), a investigação dos gêneros digitais se faz necessária uma vez que “o meio digital traz novos entendimentos sobre a escrita”. Para a mesma autora, as notações “erradas” que aparecem nos textos postados nos *blogs* só acontecem porque os *blogueiros* “já se apropriaram (compreenderam e dominam) das regularidades e irregularidades da língua”.

Contudo, acreditamos que apenas uma análise descritiva - interpretativa das produções textuais, tanto dos *blogs* quanto dos textos das “redações” escolares poderá trazer uma luz sobre essa questão: os adolescentes escrevem seus textos em situação de avaliação escolar (prova de redação) da forma como o fazem porque “sabem”, ou seja, dominam as operações relacionadas à produção escrita, entre elas o emprego da norma culta da língua, ou produzem seus textos com uma determinada configuração lingüístico-discursiva porque os elementos lingüístico-discursivos acionados na produção constante de *blogs* interfere na avaliação que fazem sobre o gênero “redação escolar” e sobre a forma como eles representam o contexto de produção na aula de “redação”.

Mas nem todos os estudiosos concordam com as questões levantadas sobre os “malefícios” das ações de linguagem via-internet na vida de nossos jovens estudantes. Por exemplo, Xavier (2005 p.20-22) defende o uso da Internet pelos adolescentes, justificando que “o uso dos gêneros digitais da internet não prejudica a aprendizagem da escrita pelos adolescentes”.

Assim, esta pesquisa busca justificar-se pela importância da investigação sobre até que ponto o uso da internet, em especial os *blogs*, pode influenciar no desenvolvimento das capacidades cognitivas e discursivas dos adolescentes no que diz respeito ao uso da escrita em situações formais em que a sua produção escrita será avaliada, ou seja, nas avaliações escolares da disciplina de Produção Textual. Com as nossas reflexões e questionamentos esperamos contribuir para o ensino-aprendizagem de língua materna, assim como para a implementação de novas reflexões e questionamentos em torno da questão da transposição didática dos gêneros digitais.

1.2 Descrição do *Corpus*: Critérios e Escolhas

Para que este estudo pudesse seguir adiante, tomamos como *corpus* 08 postagens de *blogs* de adolescentes da 8ª série do ensino fundamental de uma escola particular, do município de Maringá. Também

utilizamos como corpus de análise uma produção textual feita por esses adolescentes para avaliação na disciplina de Produção de Textos.

O primeiro passo para a obtenção do *corpus* dessa pesquisa foi a coleta de dados informativos para saber quantos e quais alunos mantinham sua página pessoal (*blog*) na internet, intervenção permitida pela direção da escola e pela professora de Produção Textual. Depois desse levantamento recolhemos os endereços eletrônicos de cada uma das páginas. De posse destes dados, as páginas foram acessadas e iniciamos o processo de seleção dos textos.

Um dos focos desta pesquisa são as preocupações com a descrição do gênero *blog* como resultante da ação de linguagem de um agente-autor situado em um determinado contexto de produção, cuja representação constitui uma base de orientação para adaptar o modelo de texto escolhido (o gênero) em função das particularidades da situação. Com essa finalidade, e para realizarmos as análises interpretativas dos elementos da *arquitetura textual* (BRONCKART, 2006), procuramos selecionar *blogs* que continham textos de uma extensão mediana e sem muita influência de outras semioses², presentes nos textos digitais. Quatro, dos dezoito *blogs* foram escolhidos. Os demais foram desprezados por conterem muitas imagens e pouco texto.

O próximo passo foi obter, junto à professora, as avaliações textuais das alunas “autoras” dos *blogs* escolhidos. O texto produzido na aula em se realiza a avaliação da produção escrita (“prova de redação”) foi preferido porque ele se configura em uma situação de produção oposta às características da situação de produção dos *blogs*. No processo produtivo de avaliação, o aluno tende a ser mais rigoroso consigo mesmo, o que não ocorre no ambiente digital, lugar de produção mais leve e fluida, onde as características são as de uma interação mais “solta”, menos assimétrica, com relações de poder reduzidas, se comparadas às formas de interação em sala de aula, sobretudo durante uma teste de avaliação.

No espaço virtual de produção do *blog*, o produtor se encontra em um momento de intimidade, as restrições normativas da interação são menos

² Os *blogs* possuem alguns recursos como fotos, figuras, imagens, sons e animações.

coercitivas, ainda que a *reação-resposta* do interlocutor (BAKHTIN, 1982) esteja sempre implicada no enunciado. Uma vez que as avaliações indexadas à atividade de linguagem que empreende demonstrem que ele tem *capacidades* (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p.31) para operar com o instrumento (gênero), o agente-produtor produz o seu texto em um espaço de interlocução que lhe dá margem à criação de relações interacionais específicas, se comparadas às formas de interação face-a-face em uma aula para avaliação.

1.3 Objetivos

Tendo como norte da investigação a busca de conclusões, ainda que provisórias, sobre se as NTICs (Novas Tecnologias de Informação e Comunicação) devem ou não ser incluídas nas práticas pedagógicas, os dados da pesquisa nos conduzem aos objetivos específicos:

1. Em relação aos *blogs* esperamos:

a) analisar o *blog* como atividade de linguagem de uma comunidade virtual (formação social e discursiva);

b) analisar, na infra-estrutura textual as marcas discursivas da adaptação do modelo escolhido em função das representações da situação, o que implica o plano global dos textos, o tipo de discurso predominante e a organização seqüencial dos textos;

d) analisar os mecanismos de coesão nominal e coesão verbalacionados para a textualização.

2. Em relação aos textos produzidos na “prova de redação” dos alunos:

a) a organização seqüencial dos textos;

b) o uso de palavras abreviadas, redução de fonemas ou sílabas;

c) presença de desvios ortográficos.

3. A partir dos dados obtidos nas análises dos *blogs* dos alunos e dos textos da “provas de redação”, passaremos à comparação dos dados para verificarmos a influência das atividades de linguagem dos *blogs* sobre a configuração dos textos produzidos na situação formal pública que caracteriza um texto escrito para ser avaliado.

Os objetivos propostos serão seguidos a partir da ordem apresentada com a finalidade de esclarecermos as dúvidas a partir de uma linha de raciocínio que entendemos como lógica. O roteiro para a realização do trabalho será apresentado no tópico seguinte.

1.4 Procedimentos e Roteiro do Trabalho

Para realizar esses objetivos seguiremos os passos descritos a seguir.

No primeiro capítulo mostramos os passos iniciais desta pesquisa, como o *corpus*, os objetivos que nos levaram a refletir sobre as causas dos receios que, ainda hoje, permeiam a questão do uso da internet nas escolas. Ainda neste capítulo, trataremos brevemente dos métodos utilizados para chegarmos às conclusões deste trabalho.

Num segundo capítulo discute-se a questão do letramento digital e também a interação feita através da internet, apresentando-se reflexões sobre novas possibilidades que o uso das NTICs podem proporcionar para que os aprendizes possam fazer uso cidadão dos gêneros digitais.

No terceiro capítulo a discussão se abre acerca do gênero textual apresentar-se como objeto de ensino-aprendizagem, tocando em teóricos que nos mostram o caminho para as análises dos textos, segundo o ISD.

O capítulo 4 é concentrado nos *blogs*: o contexto de produção e sua análise, a apresentação da infra-estrutura textual dos *blog*, que abrange o estudo do plano geral, os tipos de discurso e seqüências predominantes neste gênero, além de uma análise da coesão verbal e nominal presentes.

O quinto capítulo é formado pela análise das produções textuais em sala de aula, apresentando-se aqui os resultados das análises com a demonstração de dados em gráficos e tabelas.

A sexta parte deste trabalho constitui-se da apresentação das considerações finais da análise dos *blogs* e das produções textuais, feitas em sala de aula, sob condição de avaliação.

Nesse último capítulo concluiremos a pesquisa apresentando um conjunto de idéias sobre a discussão central deste trabalho que é a influência, ou não, do uso das novas tecnologias sobre o uso da linguagem na situação formal pública constituída pela prova de redação, situação em que o uso da norma culta padrão se faz necessária e constitui objeto de avaliação.

CAPÍTULO II

AS NOVAS TECNOLOGIAS PARA UM LETRAMENTO DIGITAL

As novas tecnologias digitais, como a *Internet*³, estão muito presentes em nosso dia-a-dia. Entraram em nossas vidas e nem as percebemos. Mesmo com certo receio inicial, o que é comum quando entramos em contato com o que é novo, não podemos negar os benefícios que a *Internet* nos trouxe.

Os inúmeros recursos que proporciona ao usuário, as diversas formas de interação e o fascínio do acesso ilimitado aos acontecimentos mundiais possibilitados por um “click”, criam e aumentam a necessidade do homem em dominar essa ferramenta de mediação que tem proporcionado novas formas de comunicação e interação.

Diferente da interação face-a-face, a interação virtual ocorre entre interlocutores geograficamente dispersos que, apesar de utilizarem a forma escrita como meio de comunicação, realizam suas “trocas conversacionais” (MARCUSCHI, 2000), com uma velocidade que chega a se assemelhar aos rituais conversacionais. A diferença nas trocas de “turnos virtuais” com as trocas face a face estaria no fato de que aqueles são do tipo *escreva- uma- vez- e- seja- lido- para- sempre* pois, enquanto as palavras usadas na conversação desaparecem depois que são ditas ou se esvaem da memória, nas trocas *on-line*, ao contrário, o formato das interações virtuais permanecem gravadas nos recônditos da máquina que as abriga, podendo ser reveladas a qualquer momento.

Os gêneros virtuais, como todos os gêneros do discurso (gêneros textuais, na terminologia adotada pelo interacionismo sociodiscursivo), são

³Segunda a definição da WIKIPÉDIA: *Internet* é um conglomerado de [redes](#) em escala mundial de milhões de [computadores](#) interligados pelo Protocolo de *Internet* que permite o acesso a informações e todo tipo de transferência de dados. A *Internet* é a principal das [novas tecnologias de informação e comunicação](#) (NTICs). Ao contrário do que normalmente se pensa, *Internet* não é sinônimo de [World Wide Web](#). Esta é parte daquela, sendo a World Wide Web, que utiliza [hipermídia](#) na formação básica, um dos muitos serviços oferecidos na *Internet*. De acordo com dados de março de [2007](#), a *Internet* é usada por 16,9% da população mundial(em torno de 1,1 bilhão de pessoas).

sistemas discursivos complexos, socialmente construídos pela linguagem, com padrões de organização facilmente identificáveis, dentro de um *continuum* de oralidade e escrita, e configurados pelo contexto sócio-histórico que engendra as atividades comunicativas (MARCUSCHI, 2004).

Assim, dentro do contexto de pesquisas sobre os gêneros nas diferentes “esferas de atividade humana” (BAKHTIN, 1929/1985), os gêneros virtuais demandam categorias de análise que permitam a compreensão dos fatores que atuam na construção dos sentidos produzidos nas trocas virtuais entre os interlocutores *on-line*.

Na interação *on-line*, as categorias interpretativas que o contexto imediato proporciona são transferidas para os enunciados produzidos no ambiente virtual. Noutras palavras, os enunciados que os interactantes virtuais produzem devem conter em si mesmos as pistas lingüísticas e discursivas que expressem as representações sobre o contexto de produção (Bronckart, 2006), incluindo aqui todos os elementos referidos pelo autor no construto teórico do interacionismo sociodiscursivo (doravante ISD) e que serão abordados no capítulo três dessa dissertação.

Para os estudiosos da língua e da linguagem em situação de ensino-aprendizagem, estão sempre presentes as preocupações com a apropriação de ferramentas mediadoras e propiciadoras da inserção dos aprendizes nas práticas sociais - imprescindíveis para a sua vida cidadã. Assim, a abordagem didática dessas práticas e das atividades de linguagem que elas envolvem impõem aos profissionais da educação a preocupação de refletir e questionar essas novas formas de interação entre interactantes virtuais, sobre como constroem seus discursos nos *eventos discursivos* (SWALES, 1990) pelos quais ajudam a constituir *sistemas discursivos que tipificam os gêneros discursivos* (BAZERMAN, 2005).

Para este autor, as atividades discursivas (e incluímos aqui as atividades virtuais), constituem um “sistema” e, por se tratar de uma atividade de linguagem nesse crescente sistema de gêneros virtuais, incluímos os *blogs*, um dos chamados “*gêneros multimodais*” (SAITO, 2007), trazidos pela tecnologia digital que estão exigindo a revisão e ampliação de conceitos dos estudos das interações humanas e dos estudos do processamento textual – o

que nos conduz, neste momento, ao conceito de letramento e à variedade terminológica da noção de letramento: “letramento digital” (DIONÍSIO, 2006).

2.1 O Letramento na Era Digital

Com a popularização da rede mundial de computadores (*WWW*⁴), alguns conceitos tiveram que ser repensados, é o caso do conceito de letramento⁵ que, a princípio, seria a prática de leitura e escrita. Segundo Kleiman (1995, p. 19), “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

A mesma autora afirma ainda que, o entendimento de letramento deve ser visto “como as práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita” (KLEIMAN, 1995). Sendo assim, por essa perspectiva, o letramento é, ou são, as práticas sociais de leitura e escrita, que vão além da alfabetização. Esta é o que costumamos conceituar como aquisição da escrita, é individual; aquela, sofre conseqüências das práticas sociais e discursivas às quais o indivíduo está exposto.

Tal conceito ainda sofre influências a partir de colocações na obra de Tfouni (1995, p. 20) em que a internet tem muito a contribuir na formação intelectual e lingüística dos seus usuários, pois tende a fazer deles vorazes leitores e autores de textos sejam verbais, visuais, sonoros ou hipertextuais, habilidades que a escola e suas milenares ferramentas pedagógicas têm conseguido com muita dificuldade.

Para a autora, “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os

⁴ Segundo Marcushi (2004, 26), AMBIENTE WEB: (*World Wide Web*) – conhecido como WWW ou WEB, este ambiente é a própria REDE uma combinação de bibliotecas, quiosques, guias, jornais, shoppings, enciclopédias, catálogos, agendas, currículos pessoais etc. Trata-se de um ambiente de buscas de todos os tipos, descentralizados, interativo e passível de expansão ilimitada.

⁵ Entendemos, neste momento, letramento em seu sentido mais amplo e com todas as variáveis possíveis como: letramento digital, midiático, visual, científico etc. A noção básica de letramento é ter habilidade de ler e escrever, porém, como tratamos de gêneros digitais, entendemos que o sujeito letrado é capaz também de entender/atribuir sentidos a mensagens compostas pelas inúmeras fontes de linguagem e/ou semioses presentes no meio eletrônico, incorporando-as e podendo, assim, produzi-las com propriedade, o multiletramento. Seguiremos dentro deste capítulo com algumas discussões acerca do termo.

Aspectos sócio –históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”.

Soares (1998b) define letramento como “o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento”. Seguindo a mesma linha de pensamento, Kleiman (1995) entende letramento enquanto “um conjunto de práticas de comunicação social relacionadas ao uso dos materiais escritos, e que envolvem ações de natureza não só física, mental e lingüístico-discursiva, como também social e político-ideológica” (KLEIMAN, 1995, p. 15-61).

Na era digital, o conceito de letramento vem sendo amplamente discutido, pois estamos inseridos num mundo onde a tecnologia cresce vertiginosamente, é preciso alcançá-la ou, ao menos, não deixá-la distanciar-se. No mundo dos computadores, as ações exercidas no âmbito da *internet*, exigem novas habilidades que são necessárias para as práticas sociais e também para a interação do indivíduo com esse novo mundo, que transpira novidades e fornece novas ferramentas a cada segundo. Com essas mudanças, o letramento adquire novas definições:

na *cibercultura*, o confronto entre tecnologias tipográficas e digitais de escrita e seus diferenciados efeitos sobre o estado ou condição de quem as utiliza, sugere que se pluralize a palavra *letramento* e se reconheça que diferentes tecnologias de escrita criam diferentes *letramentos*. Na verdade, essa necessidade de pluralização da palavra letramento e, portanto, do fenômeno que ela designa já vem sendo reconhecida internacionalmente, para designar diferentes efeitos cognitivos, culturais e sociais em função ora dos contextos de interação com a palavra escrita, ora em função de variadas e múltiplas formas de interação com o mundo – não só a palavra escrita, mas também a comunicação visual, auditiva, espacial. (SOARES,2002,p.05). (grifos do original)

Na era em que a *Internet* invade nossas casas e escolas e modifica nossas vidas obrigando-nos a aprender a conviver com ela, somos instigados, como educadores, a pensar em como tais mudanças chegam às escolas e modificam o processo ensino/aprendizagem. Tal assunto tem levado

inúmeros estudiosos da linguagem a refletir e a reformular antigos conceitos e criar novos, pois o professor precisa estar atento à perspectiva social da linguagem adotada nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs) o que implica o trabalho didático que vai além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, mas a apropriação (ou seja, a aprendizagem), pelo aprendiz, de práticas de linguagem nas situações de uso com que se depara.

Isso significa extrapolar as situações de uso cotidiano indo em direção das situações de uso público e formal, incluindo aqui as situações de comunicação virtual, em uma visão sócio-interacionista da aprendizagem que reconhece que “é por meio do engajamento em atividades socialmente compartilhadas que desenvolvemos as *capacidades de linguagem*” (NASCIMENTO, 2007). Assim, a escola deve oferecer ao aluno um contexto em que este possa *articular capacidades, competências e habilidades* (ROJO, 2001) por meio de usos da linguagem em situações específicas, para realizar determinadas atividades sociais.

No presente trabalho, ao tomar como referência essa perspectiva teórica da linguagem e de seu ensino e aprendizagem, consideramos a necessidade da inclusão dos gêneros digitais como forma de ampliar os letramentos de nossos alunos, introduzindo na escola o ensino-aprendizagem de novos objetos, configurados em práticas de linguagem que demandam as NTICs que envolvem o uso da *Internet* e de várias tecnologias. Ou seja, o enfrentamento dos desafios relacionados ao uso da linguagem no ambiente virtual, exigência à qual o homem moderno não pode mais ignorar, o que implica o letramento digital como a habilidade de dominar as novas tecnologias e saber interagir com e por meio delas.

2.2 O Letramento Digital: Reflexões em Torno do Tema

Segundo Xavier (2005, p.01), estudioso brasileiro que dedica suas pesquisas às questões que envolvem a interação virtual, é preciso “letrar digitalmente uma nova geração de aprendizes, crianças e adolescentes que

estão crescendo e vivenciando os avanços das tecnologias de informação e comunicação.” Para o autor, o letramento digital vai além das fronteiras do simplesmente decodificar mensagens e escrever textos simples, ele abrange a capacidade do indivíduo de interagir com as NTICs, que são repletas de outros códigos que não o escrito como: figuras, sons, atalhos (*links*) e outros.

Estudos como os de Braga e Busnado (2007) e Braga (2004; 2007), mostram que a interatividade do material *on line* promove “um estudo reflexivo”, uma vez que, agilizando o processo de consulta, desperta no aluno a comparação dos resultados, levando a uma construção de conhecimentos.

A escola e os professores devem estar preparados para essa nova geração que nasceu no mundo digital, indivíduos que não sentem medo frente às novas tecnologias e vão aprendendo a conviver e a obter vantagens e facilidades através delas.

Essa preocupação com o futuro da escola, do aluno e, conseqüentemente, com o papel do educador na era digital abre inúmeras discussões. Algumas especulativas, afirmando a extinção do professor em sala de aula, que tudo se tornará digital; outras, incrédulas, que continuam afirmando que o computador nunca terá espaço na escola. Estas, facilmente refutadas, pois o uso do computador em sala de aula significa uma ferramenta a mais, facilitadora do processo ensino/aprendizagem, como já aconteceu com a valoração apreciativa (BAKHTIN, 1979/1992) que já foi dada ao quadro-negro e ao apagador no passado.

O computador, a nosso ver, acrescenta e não subtrai, por duas razões principais: “a modalidade digital pode favorecer materiais potencialmente mais didáticos e os canais de comunicação abertos na Internet viabilizam novas formas de socialização e construção do conhecimento”. (RAMAL, 2007, p.188)

Braga tece considerações sobre a influência das NTICs na escola e na maneira de ensinar, afirmando que a *Internet* acaba por influenciar as práticas de ensino de maneiras distintas:

Possibilita a comunicação a distância (em tempo real ou não); propicia ferramentas técnicas que facilitam a produção de textos hipermídia; abre

o acesso a um banco de informações potencialmente infinito, disponível na rede mundial de computadores (www). Como era de se esperar, esse conjunto de possibilidades criou novas práticas letradas e também re-configurou e re-significou práticas já existentes. (BRAGA, 2007, p.182)

Além disso, é preciso considerar que a ajuda da rede mundial de computadores a aula passa por um processo de continuidade na casa dos alunos, nos centros municipais que oferecem acesso gratuito, em *lan houses*, e onde quer que o aluno consiga ter acesso a um computador ligado à *Internet*.

Nesse contexto, as pesquisas sobre os gêneros digitais como o *blog* se justificam pelo fato de que esses diários virtuais já se tornaram uma ferramenta muito popular entre jovens e já fazem parte de sua vida cotidiana e, de acordo com os dados obtidos nas entrevistas com alunos da escola em que atuamos, o *blog* exerce uma enorme atração na vida dos adolescentes, uma vez que 68,7%⁶ dos alunos se declaram cativos dessa ferramenta no cotidiano de suas interações via WEB.

Desse modo, visando aos dois pólos da interlocução professor-aprendiz, interessou-nos a interação mediada pela escrita teclada no computador, ainda que escrita que instaura uma *cena de enunciação* (MAINGUENEAU, 2005) “diferente”, pois cria espaços discursivos que favorecem ressignificações e deslocamentos em relação às práticas habituais de produção de texto escolares e escolarizadas.

A escola e os educadores estão diante de um novo desafio: como trabalhar essas tecnologias que aparecem tão repentinamente e tomam conta do dia-a-dia do indivíduo? Como tratar o letramento digital se, em alguns casos, ainda temos professores que não são letrados digitalmente, que não sabem utilizar as ferramentas presentes na internet e não conseguem interagir através das NTICs?

São novas formas de ensinar e aprender que, para Xavier (2005, p.3), se caracterizariam:

por serem mais dinâmicas, participativas, descentralizadas (da figura do professor) e pautada na independência, na autonomia, nas necessidades e nos

⁶ Este dado foi retirado de uma pesquisa informal que realizamos entre os alunos de sétimas e oitavas séries do Ensino Fundamental de uma escola particular da cidade de Maringá. Foram ouvidos um total de 180 alunos, no prazo de 2 semanas. A pesquisa também apresentou um outro dado interessante: as meninas são a maioria (74%) dentro dos alunos que possuem *blogs*.

interesses imediatos de cada um dos aprendizes que são usuários freqüentes das tecnologias de comunicação digital.

A “nova forma de aprender” a que se refere Xavier encontra-se no livro *Geração Digital* (1999), de Dom Tappscot (apud XAVIER, 2005) é a conclusão de uma pesquisa feita com adolescentes que nasceram num mundo digital e fazem uso das NTICs em seu dia-a-dia. A pesquisa, realizada em 1999, aponta um novo modo de ensinar, onde o professor sai da posição de detentor do conhecimento e passa a ser um “articulador” do conhecimento. Esses adolescentes e pré-adolescentes vêm na internet uma fonte riquíssima de pesquisa. Todo o conhecimento adquirido na *web* passa a ser disseminado, o que torna o ensino mais dinâmico e aumenta o interesse pelo aprender.

Dados da mesma pesquisa informam que os adolescentes que fazem uso do computador desenvolvem habilidades como independência e autonomia na aprendizagem, maior preocupação com assuntos globais, faro investigativo, responsabilidade social, tolerância ao diferente, entre outras.

A mudança no comportamento dos jovens com relação à aquisição de conhecimento assusta a muitos educadores, porém é necessário que os mesmos estejam preparados para receber e saber interagir com as novas ferramentas que estão à disposição.

Segundo Brito (2007) (*on line*), especialista em Metodologia do Ensino Tecnológico, em entrevista ao site www.educacional.com.br, para que haja um bom uso das NTICs, “é necessário um trabalho pedagógico em que o professor reflita sobre sua ação escolar e elabore e operacionalize projetos educacionais com a inserção das novas tecnologias da informação e da comunicação”.

A escola precisa adaptar-se a esse mundo novo que vem se abrindo, onde o indivíduo precisará aprender e dominar os processos pelos quais vai se aproximar do conhecimento e da informação e a grande vantagem da escola ligada à internet é, justamente o desenvolvimento desse gosto pela pesquisa e por um saber muito imediatista.

Ramal assinala que a conexão da sala de aula à internet amplia o universo do conhecimento, a navegação no ciberespaço, abre os horizontes do ensino, pois o aluno tem acesso a um número infinito de informações vindas

das mais distantes culturas, indicadoras de diferentes significações e visões de mundo. Segundo a mesma autora,

A conexão da sala de aula à rede da informação e da comunicação nos coloca diante do desafio de não apenas adaptar a escola ao contexto de hoje, mas principalmente transformá-la num espaço capaz de formar cidadãos envolvidos de maneira ativa e crítica na sociedade. Isso ocorrerá se a utilização da internet for orientada por uma filosofia que busque a formação de homens e mulheres interessados na valorização do ser humano e na construção de um mundo que garanta o bem-estar de todos. (RAMAL, 1997, p3)

Mesmo com todas as discussões que permeiam a utilização da internet em sala de aula desde o final do século passado, o Brasil não está muito à frente no que tange ao uso das NTICs. Poucas são as experiências relatadas sobre o uso do computador na sala de aula, sobretudo do ensino fundamental.

Na investigação sobre experiências didáticas relacionadas ao uso das ferramentas digitais já postas em prática em escolas brasileiras, encontramos a da professora Cláusia⁷, do Colégio Dante Alighieri, de São Paulo, em entrevista ao site www.microsoft.com/brasil. Para quem “o *blog* traz infinitas possibilidades para a Educação. Devemos incentivar seu uso, não brecá-lo”. A afirmação da professora baseia-se na idéia de que os grandes atrativos da ferramenta são a facilidade de utilização e a linguagem, que é muito próxima da dos adolescentes. Além dos alunos sentirem-se à vontade diante dos computadores, ficam entusiasmados com a possibilidade de ter os próprios textos circulando em rede mundial.

Outro professor entusiasta do uso das NTICs é Jarbas Novelino Barato, Professor de Tecnologia Educacional do SENAC/SP, em entrevista ao mesmo site acima citado, para ele, “[...] o interessante do *blog* é que o estudante manifestem-se restrições, interagindo com outros alunos e professores.”

No mesmo *site*, com relação ao uso da linguagem específica do gênero digital *blog*, a pesquisadora Suzana Guttierrez, do Núcleo de Estudos e Experiências e Pesquisa em Trabalho, Movimentos Sociais e Educação (TRANSE), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), afirma

⁷O sobrenome da professora Cláusia não é citado no trecho da entrevista fonte dessa pesquisa.

que “ para que as possibilidades como colaboração, co-autoria, autonomia, expressão pessoal, sejam plenamente satisfeitas, é importante que a proposta do *blog* permita isso”. Para ela, as proibições e moderações por parte dos educadores com relação às postagens e linguagem utilizadas, não devem ser feitas, pois isso tornaria o *blog* um “caderno digital de uma proposta de ensino convencional.”

Para Loing (1998), o uso das NTICs na área educacional deve ter o acompanhamento de estudos e discussões sobre a necessidade de uma mudança na maneira de ver a aprendizagem que acontece na maioria das escolas, pois a nova escola, a escola da era da internet, onde o aluno aprende e estuda por motivação, as NTICs estão dentro do contexto, como instrumentos pelos quais as informações chegam à sala de aula. As possibilidades são infinitas.

O professor que se adapta e utiliza as tecnologias como recurso tende a estimular a aprendizagem, é claro que as dificuldades sócio-econômicas das escolas públicas muitas vezes, não permitem esse acesso tão facilitado, onde o ideal de um computador por aluno seria a perfeição. Ramal (1997) ainda nos mostra que “a internet expande os horizontes através dos fóruns de debates, das trocas de conhecimentos, da visitação de culturas diferentes, da construção de trabalhos conjuntos e da navegação sem fronteiras”.

Contudo, o Brasil está muito lento na corrida para essa expansão de horizontes, pois, segundo dados do Ministério da Educação⁸ (MEC), até setembro de 2007, das 143 mil instituições de Ensino Fundamental do país, apenas 24 mil contavam com laboratórios de informática. Mas o problema se torna maior quando os professores, que não recebem em sua formação os conhecimentos, competências e habilidades para utilizar as NTICs, continuam a não receber formação continuada que lhes proporcione o apoio pedagógico.

O investimento e a desmistificação do advento da *Internet* devem estar presentes nos cursos formadores de professores, tanto nas escolas como nas universidades. É preciso letrar digitalmente nossos educadores, para que eles passem esse conhecimento adiante e permitam ao alunado exercer o verdadeiro significado de cidadania.

⁸ Dados obtidos em 20/09/2007. Disponíveis em <<http://portal.mec.gov.br>>

2.3 A Ação de Linguagem pela Via da Internet: Novo Foco para as Intervenções Didáticas

A internet, com menos de um quarto de século de existência, já entrou em nossas vidas e faz parte de nosso cotidiano, um estudo, realizado pela empresa de pesquisas de mercado “comScore Networks”⁹, calculou que 747 milhões de pessoas com mais de 15 anos usaram a internet no mundo em janeiro de 2007, o que significou um aumento de 10% com relação a janeiro de 2006. A internet foi chegando devagar e tomou conta dos nossos afazeres e momentos de *relax*.

Despertou, e ainda vem despertando muito interesse em diversas áreas do conhecimento, sobretudo nos estudos da linguagem e na lingüística aplicada, que apresenta, como um de seus objetivos, o estudo descritivo-interpretativo das práticas de linguagem e as atividades (de linguagem) que elas envolvem.

Como a Internet tem feito emergir novas possibilidades de interação, novas práticas e atividades de linguagem configurando enunciados “relativamente estáveis” (gêneros) vão se estabilizando e, dessa forma, os estudos teóricos e aplicados – dentro da concepção de letramento –, impõe aos estudiosos da área o foco de pesquisas que incluam os gêneros textuais que vão surgindo e são adaptados ao ambiente virtual.

O espaço cibernético hoje é, segundo Levy (*on line*):

[...] um terreno onde está funcionando a humanidade, hoje. É um novo espaço de interação humana que já tem uma importância enorme, sobretudo no plano econômico e científico e, certamente, essa importância vai ampliar-se e vai estender-se a vários outros campos, como por exemplo na Pedagogia, Estética, Arte e Política.

Komesu (2004,p.110) lembra que “a utilização freqüente do computador e da Internet demanda pesquisas de cunho social e, dessa

⁹Dados obtidos em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u21763.shtml>. Acessado em 22/09/2007.

perspectiva, o papel da linguagem torna-se central”. As pesquisas ainda são recentes, mas estudiosos como Marcuschi nos mostram que

em certo sentido, pode-se dizer que, na atual *sociedade da informação*, a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo. Se bem aproveitada, ela pode tornar-se um meio eficaz de lidar com as práticas pluralistas sem sufocá-las, mas ainda não sabemos como isso se desenvolverá. (MARCUSCHI, 2004, p. 13) (grifos do original)

O uso da internet, ou o seu não uso, também delega poderes na sociedade em que vivemos, uma vez que, a possibilidade de acesso à rede mundial pode criar forças de dominação que, usadas positivamente, podem ajudar na luta de grupos sociais menos favorecidos. Segundo Braga (2007), expressando o seu ponto de vista a partir de um posicionamento da Análise Crítica do Discurso (cf. Meurer, 2005; 2004; Wodak, 2004), a *transposição didática* (CHEVALLARD, 1985, apud BRONCKART, 1999) dos gêneros digitais mostra que,

é necessário que educadores entendam como a tecnologia pode ser explorada para facilitar ou impedir o acesso ao conhecimento e ao poder social. É igualmente importante que haja uma melhor compreensão das novas lacunas que o uso da tecnologia em práticas letradas abre na estrutura social vigente, e que podem ser exploradas para promover mudanças sociais. (BRAGA, 2007, p.182)

Mesmo com o acesso às pesquisas acadêmicas e às publicações sobre o tema, muitos educadores ainda se assustam com o desenvolvimento e o envolvimento das novas tecnologias digitais na rotina escolar.

Novas palavras surgem no ambiente escolar a cada dia, são os *blogs*, *e-mails*, *chats*, *weblog*, *cab*, chat aberto, sala de bate-papo, *fatologs* e mais uma lista extensa delas. Esse aparecimento de novos sintagmas e palavras ligadas ao léxico da “vida virtual” causa estranheza e, segundo Araújo (2007, p.16) “provocam alguma perturbação na ordem escolar”. É preciso que se vença essa “estranheza” com relação às novas tecnologias e que os estudos avancem para possibilitar a *apropriação* (BRONCKART, 2006), ou

seja, a aprendizagem para o desenvolvimento de capacidades envolvidas nas operações implicadas ao *uso dos instrumentos* (DOLZ; SCHENEUWLY, 2004, p. 30) da internet - inserindo-os entre os objetos de ensino a serem trabalhados no dia-a-dia escolar. A escola não pode fechar suas portas para os usos que os aprendizes fazem desses instrumentos nas práticas sociodiscursivas em que se inserem, impedindo o reconhecimento das autênticas formas de interlocução que os alunos vivenciam fora da escola.

Assim sendo, os *blogs*, objetos de estudo deste trabalho, abrem inúmeras possibilidades de interlocução que implicam a redefinição de alguns aspectos “tradicionais” na observação da linguagem em uso, o principal, a nosso ver, é a relação entre a oralidade e a escrita nas interlocuções virtuais. Caiado (2007, p.36), referindo-se à atividade de linguagem nos *blogs*, afirma que “as trocas dialógicas são fortalecidas entre os sujeitos que navegam em situação *on-line*, visto que é dada, ao *bloguista*, a alternativa de deixar o *blog* aberto a comentários dos visitantes”. O autor ainda afirma:

os gêneros digitais estabelecem novas relações entre os sujeitos e a linguagem. Assim sendo, possibilitam e instigam estudos transdisciplinares voltados para as articulações possíveis entre o letramento digital¹⁰, os sentidos produzidos e o entendimento destes pela instituição escolar. (CAIADO, 2007, p.39)

Educadores se sentem amedrontados diante do desafio de incluir os gêneros digitais entre os objetos escolares e acabam por criar certas barreiras por não aceitarem a variante lingüística (“internetês”), trazida pela linguagem digital. Contudo, em um processo irreversível, o aluno de hoje convive com as mais diversas linguagens e não tem problema em interagir com

os diversos grupos a que pertence, submetendo-se às funções e às formas determinadas pelos gêneros de texto que aí circulam. O professor não pode deixar de refletir em como está se dando essa interação, saber e apropriar-se das NTICs. Ainda encontramos professores que não têm contato diário com um computador. Sobre a relação entre professor e novos saberes, é necessário refletir sobre:

¹⁰ Consultar Marcuschi (2004:15)

sua própria relação com o saber, com as pessoas, o poder, as instituições, as tecnologias, o tempo que se passa, a cooperação tanto quanto sobre o modo de superar as limitações e de tornar seus gestos técnicos mais eficazes.(PERRENOUD, 2000,p.13)

Para uma interação satisfatória através da *Internet*, entre educador e aluno, é necessário que o professor apresente quatro características básicas que são:

conhecimentos em Educação (didática, metodologia, planejamento de ensino e avaliação), domínio tecnológico (conhecer e saber utilizar o computador), especificidade de formação (domínio específico por disciplina de ensino, ou em Educação Infantil e Fundamental, ou em Educação de pessoas com necessidades especiais) e transposição didática em prática escolar. (LEAL, 2007, p.53)

É nesse ambiente que são construídos os gêneros que circulam nas diversas esferas de interação do ser humano. A formação desses espaços virtuais favorece a variação de espaço para os sujeitos da interação, espaços que podem ser ocupados simultaneamente, sem que haja a presença física. Nesse espaço virtual, qualquer sujeito pode interagir com qualquer outro estando ambos em qualquer lugar do mundo virtual. Para Levy (1996) essa virtualidade dos espaços corrobora para a interação e organização de pessoas em grupos de afinidades, para discussão e acesso a todo e qualquer tipo de informação.

Zavan (2007, p. 95) sobre o espaço virtual, postula

é, portanto, nele que são produzidos os textos, os gêneros digitais, cuja maior característica é a acentuada interatividade. Embora esses gêneros, na maioria das vezes, lancem mão de outras linguagens, como a imagética e a sonora, é na linguagem escrita que repousa outra de suas características, domínio, pois, da lingüística de textos.

Muitos dos gêneros virtuais, em estreita relação com seus correspondentes em outros ambientes, adaptados e reconfigurados, apresentam

novas características, que são próprias das novas tecnologias da informação e comunicação (MARCUSCHI, 2004).

Vendo por esse ângulo, não se pode deixar de observar que o *e-mail* tornou muito mais rápida e prática a troca de correspondências comerciais e pessoais (PAIVA,2004), o *blog* tornou público o que antes fazia parte de diário íntimo (KOMESU,2004), e que os *chat* de bate-papo transformaram uma comunicação que antes precisava da oralidade e da presença física entre interlocutores (ARAÚJO,2007).

Esses exemplos ajudam a afirmar o quão importante são os estudos lingüísticos sobre os gêneros digitais, e a sua afirmação em nossa sociedade como forma de interação entre os sujeitos do discurso.

A grande variedade dos gêneros digitais e a grande importância da interação favorecida pelas novas tecnologias de informação e comunicação estão reafirmadas nos PCNs, tanto do ensino fundamental como do ensino médio.

A sugestão desse documento oficial é que o professor contemple toda a diversidade de gêneros existentes, pois assim possibilitará ao aluno uma convivência que não se limitará aos textos literários, mas sim à interação com e através de todos os gêneros que fazem parte do cotidiano, o que deverá aumentar sua capacidade de leitor e produtor de textos, capaz de interagir nas mais diversas esferas de comunicação do cotidiano.

Motta-Roth postula que os textos veiculados na internet possuem duas peculiaridades que são muito significativas para o ensino de produção textual em língua inglesa, porém as mesmas também são muito significativas na produção textual em língua materna, são elas:

a) a possibilidade de constante reformulação, pois o autor pode reformulá-lo e corrigi-lo infinitas vezes antes de publicá-lo e distribuí-lo para consumo na WWW;

b) o caráter interativo, uma vez que, tanto o autor quanto o leitor, interagem com o texto, optando pelas conexões a serem incluídas em seu roteiro de escritura ou leitura. É possível ir de um ponto a outro do texto ou ir para outro texto que esteja disponível na WWW, de modo que a informação se organize

em redes semânticas alternativas e dependentes do trajeto escolhido (MOTTA- ROTH, 2001)

Ao ter seus textos expostos, o educando tem um sem número de possibilidades de interagir com outros internautas e de repensar em seus textos, refletindo sobre quais são os melhores recursos oferecidos pela *Internet* para que seu texto se torne mais atrativo e alcance um número maior de leitores.

A internet tem papel importante como espaço didático-pedagógico,

pois possibilita a inserção do aluno em diferentes contextos e em situações reais de interação, que lhe permite interagir por meio da linguagem, agir no mundo e sobre os outros, engajar-se na leitura e produção ativa e crítica de textos que sejam representativos para sua vida social. (MOTTA-ROTH et al, 2007:129)

Além da possibilidade da circulação dos textos, a internet permite que um aluno-autor, entre em contato com outros através de e-mails, e possa solicitar informações, troca de materiais. Outra possibilidade é o acesso a outras páginas através dos *links*¹¹ que muitos deixam em suas páginas pessoais (blogs) ou mesmo quando há troca desses endereços através das salas de bate-papo virtuais. (MOTTA-ROTH et al., 2001, p.129). Segundo as mesmas autoras, na perspectiva interacionista, “é fundamental a meta consciência do aluno sobre seu engajamento em eventos comunicativo e sobre a interação que estabelece

¹¹ Uma **hiperligação**, ou simplesmente uma **ligação** (também conhecida em português pelos correspondentes termos ingleses, *hyperlink* e *link*), é uma referência num [documento](#) em [hipertexto](#) a outro documento ou a outro [recurso](#). Como tal, pode-se vê-la como análoga a uma [citação](#) na [literatura](#). Ao contrário desta, no entanto, a hiperligação pode ser combinada com uma [rede](#) de [dados](#) e um [protocolo de acesso](#) adequado e assim ser usada para ter acesso directo ao recurso referenciado. Este pode então ser gravado, visualizado ou mostrado como parte do documento que faz a referência. As hiperligações são parte das fundações da [world wide web](#), criadas por [Tim Berners-Lee](#). A palavra inglesa *link* entrou na língua portuguesa por via de redes de computadores (em especial a [Internet](#)), servindo de forma curta para designar as **hiperligações** do [hipertexto](#). O seu significado é "atalho", "caminho" ou "ligação". Através dos links é possível produzir arquivos não lineares ou simplesmente inserir ilustrações em um arquivo de texto. Na [web](#) designa partes clicáveis em forma de texto ou imagem, que levam a outras partes de um sítio.

com o meio nos processos de ensino aprendizagem”.Sob a perspectiva das autoras, o ensino pelo computador parte de três crenças:

- (i) o aluno deve ser co-responsável pelo processo de aprendizagem junto com os colegas e o professor;
- (ii) o conhecimento é construído no engajamento do aluno em atividades que pressuponham o uso efetivo da linguagem;
- (iii) a aprendizagem é vista como parte de uma grande atividade humana, social, contextualizada, e, portanto, depende da interação entre aluno e meio social.

Levando tais reflexões em consideração, o professor deve partir para elaborar atividades que possibilitem o ensino com a ajuda de ferramentas do meio digital, fazendo uso dos diversos gêneros digitais que emergem a cada dia na www, e que propiciam a interação de pessoas de maneira simples e vencendo grandes distâncias.

Dessa maneira, como afirma Braga (2007, p. 184)

os diferentes recursos oferecidos pelas novas tecnologias não só viabilizado, mas principalmente incentivado propostas de ensino menos centradas no professor e mais voltadas para a interação e o diálogo, já muito defendidas pelas propostas pedagógicas de orientação sócio-discursiva.

Uma coisa é certa, as novas tecnologias de informação e comunicação exercem um imenso fascínio sobre as pessoas. Ela atrai não somente jovens, mas adultos e crianças também. Ribeiro e Araújo (2007:167) afirmam que das diversas práticas digitais como mensagens em celulares, operações bancárias entre outras, “a internet parece ser a que mais atrai as pessoas de todas as idades”.

Para os jovens é mais fácil entender a comunicação na rede, e eles fazem isso, através dos gêneros digitais com tamanha facilidade que assusta alguns educadores. As situações discursivas em que estes alunos estão mergulhados atraem pesquisadores pela vontade de entender, por exemplo, qual a razão de muitos jovens ter deixado de lado os videogames e

esquecerem-se por horas em frente a uma tela de computador ligada à internet (RIBEIRO; ARAÚJO, 2007).

Do ponto de vista de muitos estudiosos as possibilidades que a internet oferece com relação aos diferentes e diversos recursos semióticos como texto não verbal, músicas, imagens com movimento ou não completam e aumentam as possibilidades de interpretação geral de um texto.

Outros estudos tecem considerações sobre o potencial pedagógico dos materiais interativos: a estrutura hipertextual favorece usos mais individualizados dos materiais didáticos, na medida em que permite que o aprendiz escolha a ordem e o percurso de navegação mais adequado à sua forma de aprender ou às necessidades específicas de estudo. (BRAGA, 2007:186).

Segundo a mesma autora, é preciso levar em consideração tais mudanças, pois se o ensino passou a contar com várias vantagens, por outro lado, novas exigências também apareceram para serem satisfeitas. As dificuldades encontradas por professores ao ensinar leitura e escrita tradicional aos alunos, agora se deparam com um novo aspecto a ser considerado: preparar os alunos para as práticas digitais, cada vez mais presentes em seu cotidiano. O professor passa, em alguns casos, a ocupar uma situação não tão cômoda, pois agora ele passará a ter que enfrentar e gerenciar informações imprevistas, trazidas pelos alunos em consultas *on-line*.

Problemas são levantados por estudiosos quando levantam questionamentos sobre a investigação dos discursos que circulam pela Internet. Maingueneau (2001, p. 72), por exemplo, adverte que os analistas precisam estar atentos às mídias que advêm do desenvolvimento da informática, pois estas provocam uma revolução na linguagem, alterando a maneira pela qual se produz e se recebe o discurso, posto que “o modo de transporte e de recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero do discurso. Muitas mutações sociais se manifestam através de um simples deslocamento midiológico”.

Nascimento (2004, p.27) também reflete sobre as adaptações que ocorrem na configuração dos textos, ocasionadas pela relação gênero/suporte/texto, considerando que o suporte pode ter influência sobre os

processos de textualização e do tratamento do conteúdo temático. A autora reflete sobre questões ligadas ao ensino de gêneros, examinando a questão sob dois ângulos: o da transmutação do gênero de acordo com o suporte de circulação e o da mudança de função por operar em contextos diferentes, o que representaria um problema para o professor, sobretudo em relação ao trabalho com o contexto de produção que, segundo a descrição da autora deve “incidir sobre os parâmetros objetivos, os parâmetros sociosubjetivos, o objetivo da ação (de linguagem), as outras representações da situação e dos conhecimentos disponíveis no agente no momento da interação”, aspectos que, no quadro teórico de suas investigações constituem as representações do agente que vai produzir um novo texto em uma situação que, no caso, tem como suporte o ambiente virtual da Internet.

Da mesma forma, Araújo (2007), Caiado (2007), Vieira (2007) refletem sobre as questões que envolvem o uso de um gênero e a adaptação pela qual ele passa ao configurar ações de linguagem em contextos determinados. Assim, considerando especificamente a interação via Internet, não poderíamos enfocar apenas as mudanças (ou, seja, adaptações) no uso da variante formal ou informal da língua pois, ao nosso ver, isso seria o mesmo que dar um tratamento reducionista e superficial à questão da contextualização de uma prática de linguagem (que é sempre situada em um espaço e tempo determinados), o que estaria à margem de uma concepção de linguagem embasada no interacionismo social.

Souza (2007, p.197) postula que a interação através da internet ocorre de várias formas, mas ela acontece essencialmente através da escrita, mesmo com o uso de sons e imagens. Para a autora, essa característica da escrita é o que tem levado inúmeros pesquisadores a se dedicarem sobre a “sistematização dos recursos lingüísticos na construção dos gêneros digitais, e a apresentarem a estratégia de “oralização da escrita” como um elemento próprio dessa escrita.” A ampliação da dialogicidade¹² é, segundo a mesma autora, outra evidência na forma de interação via *Internet*. Na rede, “ a forma de interlocução se dá de todos”.

¹² Dialogismo é o que [Mikhail Bakhtin](#) define como o processo de interação entre [textos](#) que ocorre na [polifonia](#); tanto na [escrita](#) como na [leitura](#), o texto não é visto isoladamente, mas sim correlacionado com outros [discursos](#) similares e/ou próximos.

As mensagens em fóruns de discussão, por exemplo, são destinadas a listas de pessoas que, dessa forma, constituem uma “comunidade discursiva” (BAZERMAN, 2005).

A leitura, na *Internet* se faz no hipertexto¹³, que tem suas características específicas como a não-linearidade. O hipertexto permite uma leitura livre, o leitor acaba sendo parte “escritor” de seu texto, pois a ele cabe fazer as escolhas dos caminhos a serem seguidos através dos *links* e assim determinar o rumo que a leitura e/ou pesquisa tomará.

A interação através da *Internet* ocorre de inúmeras maneiras, abrindo as mais diversas possibilidades de construção de conhecimento. O caminho agora é descobrir como trazer as ferramentas disponíveis na rede para a sala de aula, o que implica um (re)pensar da organização do tempo escolar, pois a rapidez da consulta às bibliotecas *on-line*, o acesso a um número crescente de textos informativos disponíveis para os internautas de todas as idades, tornam o processo escolar muito rápido, ainda que isso não signifique uma maior rapidez no processo de aprendizagem.

O uso das novas tecnologias da informação e comunicação nas escolas, não apenas nas “salas de informática”, mas na própria sala de aula é um grande desafio para os professores e às equipes de apoio pedagógico, pois as ferramentas digitais ainda forma suficientemente apropriadas pela maioria dos professores e assessores pedagógicos. As dúvidas que cercam esse período de “aceitação” das mudanças é um desafio, sobretudo no ensino de língua-linguagem, pois para elaborar o planejamento didático o professor vai, necessariamente, passar pela noção de gênero textual ao elaborar as atividades didáticas.

Citados nos PCNs (1998, p.89), os *gêneros digitais* abrem um novo leque de discussões acerca da necessidade de que a escola participe da inclusão digital dos cidadãos, permitindo-lhes o acesso ao mundo

da informação e do conhecimento que pode ser propiciado pelas NTICs. Atualmente, podemos falar de enunciados com relativa estabilidade no ambiente virtual que estão constituindo diferentes formatos de interação *on*

¹³Para Xavier (2007,177): “por hipertexto entendo ser uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade.” Para um maior entendimento do termo, ver também Schaff (1998); Bolter, Landow, Lévy (1993); Rouet (1996), que discorrem sobre o hipertexto e sua natureza não-linear.

line, como por exemplo: e-mail – chat – *weblog* - chat aberto/*cab* – *homepage* – página pessoal – fórum – flog – fotolog – site - lista de discussão – orkut, etc.

A educação à distância também tem contribuído para o advento de novas formas de ensinar e aprender pela Internet. Segundo dados do MEC, são em torno de 50 instituições¹⁴ de ensino superior, nas regiões Sul, Sudeste, Norte, Nordeste e Centro Oeste, que oferecem cursos de Pós-Graduação Lato Sensu a Distância ministrados através da *Internet*. As estratégias usadas nas plataformas de ensino à distância, como por exemplo a Teleduc¹⁵, podem ser trazidas para o ensino regular como, por exemplo, o processo que visa a colaboração entre os alunos, aumentando as possibilidades de atividades extra classe. Dentre as diversas possibilidades, Braga (2007) nos aponta a gravação de aulas para a posterior discussão das atividades, proporcionando aos alunos uma visão coletiva do que foi desenvolvido.

No ensino a distância, o monitoramento dos alunos também se mostra possível, uma vez que são oferecidas, nas plataformas, ferramentas que possibilitam ao professor saber, graficamente,

quais as interações realizadas pelos alunos (como se configuram as trocas de turnos *online*) e também oferecem informações presenciais sobre o percurso individual de cada aluno quando acessou o curso, que espaços ou *links* acessou, tempo de permanência nas atividades, etc...) Esse conjunto de informações pode oferecer subsídios para um monitoramento mais esclarecido da classe como um todo e também auxiliar o professor a identificar os alunos que precisam de uma orientação diferenciada. (BRAGA, 2007, p.184)

As diversas ferramentas e recursos que nos são apresentados pelas novas tecnologias podem e devem ser usadas em qualquer nível de ensino. Tais mecanismos incentivam propostas pedagógicas menos centradas

¹⁴ Fonte: <http://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=content&task=view&id=590&Itemid=298>

¹⁵ O TelEduc é um ambiente para a criação, participação e administração de cursos na Web. Ele foi concebido tendo como alvo o processo de formação de professores para informática educativa, baseado na metodologia de formação contextualizada desenvolvida por pesquisadores do Níed (Núcleo de Informática Aplicada à Educação) da Unicamp. O TelEduc foi desenvolvido de forma participativa, ou seja, todas as suas ferramentas foram idealizadas, projetadas e depuradas segundo necessidades relatadas por seus usuários. Com isso, ele apresenta características que o diferenciam dos demais ambientes para educação a distância disponíveis no mercado, como a facilidade de uso por pessoas não especialistas em computação, a flexibilidade quanto a como usá-lo, e um conjunto enxuto de funcionalidades. Maiores informações podem ser obtidas em < <http://teleduc.nied.unicamp.br/pagina/>>

no professor, ou seja, propostas centradas na mediação aluno – professor/computador - objeto de aprendizagem.

Por tais motivos, a educação mediada pelas ferramentas digitais têm sido incluídas pelos lingüistas aplicados como ferramentas para o ensino e a aprendizagem de línguas (materna e estrangeira). Encontramos estudos como os de Rojo (2005, 123), que expõem e discutem uma “proposta de formação continuada à distância (via WEB) para professores de Ensino Médio [...] na tentativa de compatibilizar as exigências sociais da contemporaneidade quanto aos tipos e níveis de letramento e às práticas escolares”.

Motta-Roth et al. (2001) também apresenta uma “Proposta pedagógica com base no Gênero Página Pessoal”, na qual o aluno comunica-se na rede com diversos objetivos como: apresentar-se em sala de bate-papo, fazer amizades, pedir ou prestar serviços, descrever outros e a si mesmo, informar-se sobre cursos ou criar a própria página pessoal, tudo isso em Língua Inglesa, o que torna o processo de aprendizagem muito mais interessante.

O crescente número de pessoas ligadas à internet, o aumento de *sites*, horas navegadas e outros dados, além das facilidades e desafios que a internet coloca em nossos caminhos com pesquisadores e educadores, nos faz refletir que caminhamos rumo a mudanças, que deverão ser (re)avaliadas.

Um caminho de novas descobertas para todos é o do multiletramento, onde somente conhecimento da língua escrita no mundo “real” não é mais considerado como suficiente para o desenvolvimento de capacidades, atitudes e habilidades para um cidadão completo, o que pode ser atestado pelos anúncios solicitando trabalhadores “capacitados” no mundo digital.

Assim é que, neste trabalho, objetivamos identificar as influências que o meio digital pode vir a exercer na escrita de textos escolares em situação formal, como provas e trabalhos escolares do ensino fundamental a serem avaliados, pois é tarefa de todo pesquisador preocupado com o ensino de língua materna a com a formação de professor, refletir sobre as implicações pedagógicas que essas novas formas de usar a linguagem podem trazer para o ensino/aprendizagem da língua portuguesa.

CAPÍTULO III

O Gênero Textual como Objeto de Ensino-aprendizagem

Tanto preocupação em compreender o fenômeno da comunicação digital e o ela pode significar para o desenvolvimento de novas práticas de letramento implica a pesquisa e a análise da organização textual que se efetiva na própria materialidade do evento comunicativo, uma vez que temos enfatizado que o esquema composicional de um gênero se dá com base na estruturação interna da atividade interativa em que ele é posto em funcionamento.

É surpreendente que os adolescentes se apropriem com facilidade das características dos gêneros e da “forma padrão de estruturação de um todo” (BAKHTIN, 1979/1992, 301) e consigam moldar a fala “às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos”. Para nós essa citação é importante, porque acreditamos que entre os elementos caracterizadores do gênero *blog* está a sua construção composicional singular, que dá a esse gênero suas características maleáveis, plásticas e criativas, onde o estilo do gênero se transforma de acordo com as representações do agente sobre o contexto de produção e do processo interativo. Como afirma Bakhtin (1979/1992, p.78):

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, **pela seleção operada nos recursos da língua** – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (grifo nosso).

Desta maneira os enunciados por nós produzidos são baseados em formas padronizadas e “relativamente estáveis” de enunciados, que estão ligados a um contexto sócio-histórico, uma vez que estão ligados diretamente a situações sociais.

Cada situação vivida determina um gênero com características iniciais e próprias com relação ao tema, composição e estilo. Como as esferas de comunicação humana são de uma imensa heterogeneidade que variam de formas escritas simples como um bilhete, até as imensas teses de pesquisas científicas, os gêneros também apresentam essa grande variação.

Bakhtin divide os gêneros em primários e secundários, sendo os primários assim chamados por fazerem parte da “esferas sociais do cotidiano de relações humanas” e são os diálogos, as cartas, as interações “face-a-face”. Os secundários são os relacionados a “esferas mais complexas”, grande parte das vezes mediada pela escrita e tendo uma forma “composicional monologizada” que é transformadora dos gêneros primários.

Esta classificação não deve ser entendida de maneira estática pois, os gêneros, por estarem em circulação em esferas sociais estão suscetíveis a mudanças, decorrentes das suas transformações, como é o caso dos gêneros digitais que podem mudar e/ou transformar-se em outro.

Esta teoria tem tido muitos adeptos. Nos PCNs (BRASIL, 1998, p.21-22) encontramos a tendência de adesão a essa idéia quando lemos:

Todo texto se organiza dentro de um determinado **gênero** [...]. Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, que são caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Podemos ainda afirmar que a noção de gêneros refere-se a “famílias” de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como: visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado. Os gêneros são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros, os quais dão forma aos textos [...].

Tais discussões sobre os estudos dos gêneros é uma das maiores contribuições para o processo ensino/aprendizagem de línguas, uma vez dominando os gêneros da vida cotidiana o aluno poderá perceber as escolhas discursivas necessárias para o domínio do mesmo.

Este trabalho tentará mostrar que os alunos conseguem fazer tais escolhas, mesmo que inconscientemente, sabem qual modalidade de linguagem devem escolher para interagir em mundos tão diferentes como são os *blogs* (menos formal?) e as provas de Produção Textual (mais formal?).

Ao fazer as escolhas, para determinadas situações, o agente produtor transfere para o texto uma imagem pela qual ele quer ser reconhecido, deixando marcas de suas representações do mundo, este é um dos motivos pelos quais entendemos que os alunos transitam perfeitamente entre mundos diferentes, sem prender-se à regras e/ou nomenclaturas. E por buscarmos o entendimento dessa prática que surge através da escrita do discurso eletrônico, buscamos focar as “transgressões” realizadas pelos sujeitos (adolescentes cursando a oitava série), em suas manifestações de escrita, nas escolhas que fazem acerca da linguagem utilizada nos blogs e em avaliações da disciplina de Produção Textual.

O nosso objetivo é o de buscarmos subsídios que comprovem a nossa hipótese de que os “desvios à norma culta”, tanto em seus aspectos ortográficos como morfo-sintáticos presentes nos *blogs*, não prejudica de forma alguma as escolhas que o adolescente deve fazer para configurar o seu texto no gênero “redação escolar”.

Para tal análise partiremos, então, dos postulados de Bronckart (2006, p. 128) que quem, a realização de uma ação de linguagem em qualquer ambiente, leva o agente a fazer *escolhas* articuladas nos três níveis de análise:

1.º dentre os *pré-construídos históricos* que são as formações sociais com os processos que as constituem e os fatos sociais que elas geram (instituições, normas, valores); essas atividades coletivas (porque advêm nas formações sociais) constituem quadros que organizam as relações entre os indivíduos e o meio ambiente e se materializam em diversas categorias de textos.

2.º neste segundo nível de análise se refere aos *processos de mediação formativa* deliberados para que os adultos “integrem os recém-chegados” aos conjunto dos pré-construídos disponíveis

no ambiente sócio-cultural, implementados desde o nascimento e, sobretudo, nas instituições escolares.

3.º neste nível de análise verificam-se os efeitos que essas *mediações formativas* exercem sobre os indivíduos.

Esta pesquisa se inscreve nesse esquema geral proposto pelo interacionismo sociodiscursivo (BRONCKART, 2006) e busca compreender como os mecanismos de produção e de interpretação dos pré-construídos históricos (os gêneros textuais) contribuem para a transformação dos sujeitos que agem pela linguagem, uma vez que, segundo o autor, as produções verbais são resultantes da apreensão das “propriedades estruturais e funcionais dos signos lingüísticos”, assim como “das condições de desenvolvimento das pessoas e de suas capacidades ativas tanto em relação às representações individuais como às representações coletivas veiculadas pelos pré-construídos” (BRONCKART, 2006, p. 129).

Em outras palavras, as construções verbais seriam, dessa maneira, a soma da interiorização das unidades e das estruturas da língua adquiridas e fornecidas pelo meio social (atividades coletivas), sobre os quais o indivíduo significa e opera conscientemente (ação de um sujeito singular).

Volochinov (1929/1979) já postulava que todo discurso pensado apresenta um “caráter social, semiótico e dialógico”, apresentando-se em situação social e dirigindo-se a um auditório social.

O ponto central do interacionismo sociodiscursivo é que a prática dos gêneros textuais vem a promover um desenvolvimento no agente, pois este realiza um processo de adoção e adaptação que o leva a progredir com relação a seus próprios conhecimentos. A cada tentativa de interação, o indivíduo seleciona o gênero que mais se apropria àquela situação, adapta-o mediado pelas formas lingüísticas que são próprias para o gênero. Mas essa adoção e adaptação não prescindem das *mediações formativas* que exercem efeitos sobre os “recém-chegados”, como afirma Bronckart (2006, p 129).

Assim, levando em consideração o processo ensino/aprendizagem dos *pré-construídos históricos* (gêneros), Bronckart

(1997/2003; 2006) propõe um modelo de análise para os gêneros textuais no qual apresenta diferentes níveis de investigação.

3.1 O modelo de análise de textos proposto pelo ISD

Considerando que, como afirmam Schneuwly e Dolz (1997/2004), “os gêneros abrem uma porta de entrada para as práticas de linguagem”, permitindo a sua apropriação, o modelo de análise proposto pelo ISD dá, ao analista, categorias de análise que permitem a análise e a descrição de corpus de gêneros textuais, tendo em vista a busca de regularidades do gênero que possam apontar as dimensões ensináveis para as *mediações formativas*, na forma como se refere Bronckart (1997/2003; 2006).

Assim, considerar a apropriação do gênero porque ele é o suporte das atividades de linguagem, na abordagem do interacionismo sociodiscursivo que adotamos (BRONCKART, 2006; DOLZ, SCHNEUWLY, 2004; MACHADO, 2005) implica apresentar características específicas do gênero, segundo o modelo de análise que enfoca: a análise da situação de ação de linguagem, a arquitetura interna dos textos, as propriedades lingüístico-discursivas e enunciativas presentes.

Deste modo, quanto à análise da situação de ação de linguagem, há de se levar em conta que, para produzir um texto, um produtor deverá mobilizar representações sobre o contexto imediato e sobre o contexto sócio-histórico de produção, de onde advém o tema do texto que ele quer produzir.

No que se refere à arquitetura interna dos textos, Bronckart (2006) propõe a identificação das propriedades específicas do texto. Para esta tarefa, o autor determina a exploração da arquitetura interna, ou seja, na “camada” do *folhado textual*, do qual fazem parte três níveis: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos.

Na abordagem do autor, a infra-estrutura textual é a base da organização textual, sobre a qual se sobrepõe os mecanismos de textualização e sobre esta os mecanismos enunciativos. Os mecanismos de textualização contribuem para marcar ou tornar mais visível a estruturação do conteúdo

temático, portanto, pressupõe essa organização mais profunda que o autor chama de infra-estrutura.

Desta forma, cada uma dessas *camadas* é composta dos seguintes elementos:

- a) Infra-estrutura geral: os tipos de discurso, as seqüências discursivas, o plano textual global;
- b) Mecanismos de textualização: conexão, coesão verbal e coesão nominal;
- c) Mecanismos enunciativos: o gerenciamento das vozes, as modalizações.

Dentro de cada uma das camadas acima nos prenderemos, nos próximos capítulos, às mais relevantes para este estudo.

3.1.1 Os tipos de discurso e os “mundos discursivos”

Para a classificação dos tipos de discurso, partimos do conceito de que os gêneros textuais devem ser classificados na descrição das configurações de unidades lingüísticas que caracterizam determinados segmentos do texto, pois nas palavras de Bronckart (1999/2003) “é unicamente no nível desses segmentos que podem ser identificadas regularidades de organização e de marca lingüística”. Mas essa caracterização não pode ser rígida.

Outro aspecto importante para o estudo dos tipos de discurso é da descrição dos “mundos”. Os *mundos* representados do sujeito que age pela linguagem são chamados de *mundo ordinário*, no qual ele constrói representações e os *mundos discursivos*, aqueles criados pela atividade de linguagem, ou seja, são mundos semiotizados pelos signos lingüísticos.

Para a constituição dos *mundos discursivos*, dois conjuntos de operações são realizadas. O primeiro conjunto se refere à “relação existente entre as coordenadas gerais que organizam o conteúdo temático de um texto e as coordenadas gerais do mundo ordinário em que se desenvolve a ação de linguagem de que o texto se origina” (BRONCKART, 1999; 2006). O segundo diz respeito

ao relacionamento entre, de um lado, as diferentes instâncias de agentividade (personagens, grupos, instituições, etc...) e sua inscrição espaço-temporal, tais como são mobilizadas em um texto, e, de outro, os parâmetros físicos da ação de linguagem em curso (agente-produtor, interlocutor eventual e espaço-tempo de produção[...]. (p.152).

Quanto ao primeiro conjunto, as operações de construção das coordenadas gerais que organizam o conteúdo podem estar disjuntas das coordenadas do mundo ordinário da ação de linguagem, nesse caso, essa decisão envolve a escolha de construir um mundo afastado da situação de produção (disjunto).

Quando as coordenadas estão disjuntas, o conteúdo se refere “a fatos passados e atestados, a fatos futuros e a fatos plausíveis ou puramente imaginário, sua organização deve ancorar-se em uma origem espaço-temporal, que especifica o tipo de disjunção operada” (BRONCKART, 2006). Sendo assim, eles são chamados de fatos narrados que constituem a ordem do NARRAR.

Entretanto, essas coordenadas podem estar em conjunção ao mundo ordinário da ação de linguagem. Quando as coordenadas do mundo da ação de linguagem servem para a mobilização de representações em uma origem espaço-temporal conjunta, os fatos são desta forma, expostos. Assim, constitui-se o mundo da ordem do EXPOR.

No segundo subconjunto de operações, que explicita as relações entre os agentes e os parâmetros físicos da ação de linguagem, pode ser demonstrado em dois tipos de relações. Na primeira, a relação entre os agentes e os parâmetros físicos da ação de linguagem pode estar explicitada no texto, isto é, os parâmetros estariam implicados, já na segunda, essa relação seria explicitada, o que atribuiria uma autonomia em relação aos parâmetros. Assim, as relações poderiam ser autônomas ou implicadas.

Desta forma, como já explicamos em parágrafos anteriores, combinam-se os dois mundos discursivos e as relações de agentividade com o momento da produção e define quatro mundos discursivos:

- a) mundo do expor implicado;
- b) mundo do expor autônomo;
- c) mundo do narrar implicado;
- d) mundo do narrar autônomo.

Assim, aplicando-se os parâmetros de implicação ou de autonomia aos dois mundos discursivos, e a partir dos postulados de Bronckart (1997; 2006), constituem-se os quatro tipos de discurso:

		Conjunção ↓ EXPOR	Disjunção ↓ NARRAR
Relação ao ato de produção	Implicação	Discurso interativo	Relato interativo
	Autonomia	Discurso teórico	Narração

Tabela 1 – Coordenadas gerais dos mundos

Com base no esquema apresentado acima, chegamos à caracterização dos tipos de discurso: discurso interativo, discurso teórico, narração e relato interativo.

O discurso interativo caracteriza-se pela presença de unidades que remetem à interação verbal, ao caráter conjunto/implicado do mundo discursivo criado: coesão verbal composta essencialmente pelo presente e pretérito perfeito; dêiticos espaciais, temporais; nomes próprios; verbos, pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e plural e outras marcas que remetem aos participantes da interação verbal e/ou ao espaço e ao tempo.

O discurso teórico se caracteriza pela ausência de frases não declarativas e pelo caráter conjunto/autônomo marcado da seguinte forma: dominância dos tempos verbais do presente e condicional e ausência quase total das formas de futuro; ausência de dêiticos, nomes próprios, pronomes, adjetivos e verbos de primeira e segunda pessoa do singular; presença de múltiplos organizadores lógico-argumentativos e modalizadores lógicos, e vários recursos que fazem referência ao próprio texto.

O relato interativo apresenta um caráter disjunto/implicado e é assinalado essencialmente pela ausência de frases não declarativas. As principais marcas lingüísticas desse discurso são: sistema verbal composto principalmente pelo pretérito perfeito e imperfeito às vezes associados a formas do mais-que-perfeito, futuro do presente ou futuro do pretérito (condicional); presença de organizadores temporais e de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural além de anáforas nominais e pronominais.

A narração apresenta um discurso escrito e monologado com a presença de frases declarativas. As marcas lingüísticas são a dominância do tempo do pretérito, a presença de organizadores temporais e a ausência de dêiticos de pessoa e tempo, marca-se pelo caráter disjunto-autônomo.

Tendo como base o modelo anterior (BRONCKART,1997/2003) e as reflexões do autor (BRONCKART,2006) e também nos trabalhos apresentados por Machado (2006), Nascimento (2006; 2007) analisaremos os *blogs* como um gênero textual que poderá servir como mais uma ferramenta no processo de mediação formativa tentando, desta maneira, desmistificar o conceito de que os gêneros textuais digitais colocam em risco a aquisição de capacidades de uso da linguagem na norma padrão, por parte dos estudantes.

Com base na idéia de que toda produção verbal situada é um texto, consideramos o texto dos *blogs* como um gênero textual construído sobre regras de uso e funcionamento comuns que são do conhecimento (domínio) dos alunos que fazem parte do contexto desta pesquisa e também de um contexto maior, apesar de ainda haver um quadro de exclusão digital em nosso país.

O que buscamos nessa análise é esquadrihar uma compreensão dessa atividade de linguagem e sua complexa elaboração vinculada a objetivos e a propósitos específicos que podem ser relacionados a um contexto histórico (de produção) singular em nosso ambiente escolar, tentando colaborar para que os gêneros digitais apareçam cada vez mais no contexto escolar, como ferramentas mediadoras da relação entre professor/aluno e do ensino/aprendizagem.

CAPÍTULO IV

RESULTADO DAS ANÁLISES: O BLOG NA PERSPECTIVA DO INTERACTIONSIMO SOCIODISCURSIVO

Levando-se em consideração que,

[...] a escrita digital vai adquirindo características próprias, distanciando-se da forma canônica em função da nova mídia e da necessidade de aproximar a escrita da fala, ou vice-versa, e em função de uma comunicação síncrona permeada pelo computador *plugado* na rede e da ação de tempo enquanto eles escrevem. (ARAÚJO; RODRIGUES, 2007, p.89)

partiremos para a análise dos dados coletados afirmando que esta pesquisa não tem caráter detector dos chamados “erros ortográficos”, nosso objetivo maior é o de buscarmos resposta para a problemática apresentada no início desta dissertação: a notação escrita digital, produzida no *blog* dos adolescentes influencia, de forma positiva ou negativa, a notação escrita escolar?

Com base no modelo de análise do ISD procederemos à análise dos *blogs* com a finalidade de compreendermos o modo de como o adolescente lida com a escrita, sempre ressaltando que, para o ISD as operações de linguagem acionadas pelo agente são resultantes da base de orientação que se constituem pelas representações do contexto de produção. Nada no texto configurado na ação é descontextualizado, ou seja, deixa de ser tomado como resultado da seleção (entre possíveis) de elementos do sistema de uma língua natural e de outras semióticas. Perceberemos ao longo deste trabalho que o gênero em estudo é repleto de recursos como sons, imagens, animações e outros que aparecem com a utilização de formas já existentes com os parênteses, os dois pontos, o ponto e vírgula, asterisco que, combinados formam expressões, que são utilizadas pelos internautas para representar emoções e ações e que,

são utilizados no lugar de palavras e ou frases, se que se perca o sentido da comunicação.

4.1 O Contexto de Produção

Como já dissemos, as questões que norteiam esta pesquisa recaem sobre a relação entre o desempenho dos adolescentes quando escrevem e se comunicam nos gêneros digitais que circulam na Internet e a produção de textos na escola. As nossas indagações partem da hipótese de que as dificuldades que eles apresentam para escrever de acordo com as regras interacionais que impõem o uso da norma padrão em situações públicas e formais não sofre a interferência negativa do uso dos gêneros digitais, sobretudo o *blog* - objeto desta pesquisa.

Neste capítulo, enfocaremos a produção do *blog* como ação de linguagem situada na interação e o texto como objeto que materializa essa interação, mesmo que ele seja produzido para circular no espaço virtual. Acreditamos que esse seria um primeiro passo para a abordagem dos *blogs* como objeto de ensino, pois o adolescente precisa compreender que a internet é um espaço democrático, onde se pode empregar a escrita e a língua de modo mais livre e moldada ao gênero no momento da interação virtual, mas que isso é diferente no espaço de interação nas situações públicas formais.

Assim, as noções de contexto sócio-histórico, contextualização, situação de produção são fundamentais para que o adolescente compreenda a importância de distinguir o espaço social de uso da linguagem, adaptando a sua produção em seus devidos contextos e fazendo uso consciente do sistema de notação ortográfica e da gramática normativa do padrão culto em cada situação de uso.

A especificidade do contexto e da situação que constituem a base de orientação para a ação de linguagem constituem, para (BRONCKART,2006), os elementos do quadro que sintetizamos a seguir:

- As representações dos três mundos (físico, social e subjetivo) são requeridas como conteúdo temático ou referente (temas a serem verbalizados no texto).
- De outro lado, as representações dos três mundos são requeridas como contexto da produção textual.
- O contexto de produção constitui o conjunto de parâmetros que podem exercer influência sobre a forma como um texto é organizado. Esses fatores estão agrupados em dois conjuntos: o primeiro plano refere-se ao *mundo físico* e o segundo plano refere-se ao mundo *social* e ao *subjetivo*.
- No primeiro plano: todo texto resulta de um comportamento verbal concreto, desenvolvido por um agente situado nas coordenadas do espaço e do tempo. Todo texto resulta de um todo realizado em um contexto físico, que pode ser definido por quatro parâmetros precisos: o *lugar físico* de produção; o *momento de produção*; o *emissor* que produz fisicamente o texto oral ou escrito; o *receptor* que recebe o texto concretamente
- No segundo plano: a produção do texto inscreve-se no quadro das atividades de uma formação social, isto é, no quadro de uma interação comunicativa que implica o mundo social (normas, valores, regras, etc.) e o mundo subjetivo (imagem que o agente dá de si ao agir). Esse contexto sociosubjetivo também pode ser decomposto em quatro parâmetros principais: a) o *lugar social* em que o texto é produzido: escola, família, mídia, igreja, interação comercial, interação do cotidiano, etc.; b) a *posição social do emissor*, que lhe dá o estatuto de *enunciador*; c) a *posição social do receptor*, que lhe dá seu estatuto de destinatário; d) os motivos do agente para a sua ação de linguagem e a intenção sobre o efeito pretendido no destinatário com essa ação.

Pela síntese que foi exposta, percebemos que Bronckart (1997/2003) considera como instância responsável pela produção de um texto uma entidade única que deve ser definida, ao mesmo tempo, de um ponto de

vista físico e de um ponto de vista social e subjetivo. Essa entidade pode ser chamada de emissor-enunciador, mas para simplificar, usaremos a expressão *agente produtor*, ou simplesmente, o termo *autor*.

Como já dissemos, a proposta apresentada por Bronckart no quadro do interacionismo sócio-discursivo se apresenta como “uma tentativa de explicar como se organiza a problemática psicológica das formações languageiras em gêneros textuais” (BARROS,2008). Nessa perspectiva, a apropriação dos gêneros textuais nas práticas de referência contribui para promover um desenvolvimento no agente, pois este realiza um processo de adoção e adaptação que o leva a progredir com relação a seus próprios conhecimentos. A cada momento de interação, cada indivíduo consegue fazer escolhas, seleciona o gênero mais adequado àquela situação.

Na abordagem da enunciação e dos gêneros, Bakhtin (1992, p. 43), uma das fontes do quadro epistemológico do interacionismo sociodiscursivo (ISD), postula que as formas de comunicação (gêneros) devem apoiar-se “sobre uma classificação das formas de comunicação verbal. Estas últimas são inteiramente determinadas pelas relações de produção e pela estrutura sócio-política”.

Dessa forma, e segundo Bakhtin, podem-se postular, para as condições de produção e recepção dos textos configurados em gêneros, dois níveis em articulação: um nível mais amplo que compreende a estrutura sócio-econômico-política, e um nível mais estrito que compreende a situação imediata de comunicação verbal em uma esfera de utilização da língua, ou seja, a representação do contexto amplo e do contexto imediato de produção e recepção constitui os parâmetros que correspondem às condições enunciativas que presidem toda atividade de linguagem.

Um trabalho que vise a abordagem dos gêneros textuais como objeto de ensino implica, sempre, a (re)construção das condições de produção /recepção do texto em foco, sobretudo no que diz respeito ao contexto sócio-econômico-político mais amplo, caso contrário, o trabalho resultante de um trabalho que ignore a base do contexto de produção provoca uma ausência de reflexão crítica sobre o funcionamento da linguagem e do gênero.

Em outras palavras, os elementos do contexto devem estar implicitados nas perguntas feitas ao texto, como por exemplo: “Quem é o emissor? Em que papel social se encontra? A quem se dirige? Em que papel social se encontra o receptor? Em que local é produzido? Em que instituição social se produz e circula? Em que momento? Em que suporte? Com qual objetivo é produzido? Em que tipo de linguagem (formal ou informal)? Qual é a atividade social com a qual se relaciona? Qual é o valor social que lhe é atribuído?” (NASCIMENTO, 2008).

A partir desse contexto de produção, conforme a autora “o enunciador toma decisões para a seleção do gênero e para a arquitetura interna do texto que o materializa”, ou seja: o plano global que dá formato ao texto; o uso de tipos de discursos (Narrar ou Expor? Narrar-relato interativo? Narrar ficcional? Expor interativo? Expor autônomo?), os mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal e coesão verbal); o gerenciamento das “vozes” que falam no texto (mecanismos enunciativos e de modalização dessas vozes).

Nesse quadro teórico, tomamos o *blog* como um gênero textual que poderá servir como mais uma ferramenta no processo ensino /aprendizagem tentando, desta maneira, desmistificar o conceito de que os gêneros textuais digitais colocam em risco o desenvolvimento de capacidades de linguagem em práticas sociais que impõem o uso da variante culta, padrão. Com base na idéia de que todo enunciado pertence a um gênero (BAKHTIN, 1972), consideramos o texto dos *blogs* como um gênero textual construído sobre regras de uso e funcionamento comuns que são do conhecimento e domínio dos alunos que fazem parte do contexto desta pesquisa.

Como já foi exposto, o trabalho didático com a língua e com a linguagem não pode prescindir da reflexão crítica, da observação e análise de dados que ajudem a interpretar, ainda que seja por hipóteses, o contexto de produção e de recepção dos enunciados (gêneros), considerando também que essa reflexão e análise, em se tratando dos gêneros digitais, envolve duas questões importantes:

- a) Não se escreve da mesma forma em todos os gêneros e suportes de escrita. A língua não é uniforme em todos os lugares em que é usada, ainda que a modalidade escrita da língua seja conservadora, é o gênero do texto que vai determinar qual variedade lingüística deve ser empregada naquele momento e naquele suporte de escrita diante de tais e quais interlocutores.
- b) A internet, por promover a liberdade de expressão entre seus usuários, exige a prática da leitura e estimula a escrita.

Se o professor quiser aproveitar as capacidades comunicativas dos adolescentes que usam bem os gêneros digitais disponíveis na rede virtual para transformá-los em bons produtores de gêneros textuais valorizados na sala de aula e no mundo real, precisa abrir as portas da sala de aula para os textos produzidos em um gênero digital com todas as abreviações e reduções que lhes são peculiares para, no desenvolvimento posterior da intervenção didática, passar a trabalhar com os alunos, nas diferentes fases de refacções ou revisões até que consigam traduzir os sentidos do texto nessa retextualização.

Esse processo de transformação dos textos constitui um procedimento didático que pode contribuir para que eles compreendam as diferenças entre os gêneros textuais e a necessidade de respeitar o sistema de notação ortográfica e as normas da variante culta da língua, considerando o contexto situacional da produção e de recepção do texto.

Quanto ao fenômeno da *variação lingüística* (PRETI, 1997; URBANO, 1997; GALEMBECK, 1994), as pesquisas na área contribuem para esclarecer a questão da adaptação do texto oral ou escrito ao contexto social de produção e recepção. Ao focar a adequação da variante lingüística ao enunciado situado na interação, o professor enfatiza o trabalho didático sobre a contextualização, desenvolvendo no aprendiz a capacidade de selecionar a variante adequada ao contexto da interação, o que torna obsoleto o trabalho do professor que salienta o ensino da forma em detrimento do conteúdo.

O trabalho com o contexto de produção desperta no aluno a consciência de que é preciso adotar um comportamento lingüístico - discursivo que seja adequado aos gêneros, suportes e contextos e assim adequar a

escrita a cada um deles. E porque a nossa hipótese de pesquisa é a de que a linguagem utilizada nos *blogs* não interfere de forma negativa nas operações de linguagem acionadas pelo produtor dos textos produzidos em situação escolar, pretendemos concentrar o nosso foco no contexto de produção desse gênero de texto.

4.1. 2 Resultado das Análises: O Contexto de Produção

Em nosso trabalho, para a análise e descrição de um corpus de textos de um gênero, partimos da análise das condições de produção e, a partir daí, passa-se à análise do que Bronckart (1997/2003) denomina de “arquitetura interna” dos textos.

O *blog* se inscreve no quadro das atividades de uma formação social, isto é, no quadro de uma interação comunicativa que implica o mundo físico (o lugar onde se localiza o computador do internauta geralmente ocupado apenas por ele, o que dá privacidade à ação que empreende) e o mundo social (normas, regras interacionais, valores) e, o mundo subjetivo (imagem que o agente dá de si ao agir no sentido de “criar” uma imagem positiva nos destinatários: inteligente, culto e moderno).

Esse contexto também pode ser decomposto nos quatro parâmetros a seguir:

- O lugar social em que os blogs são produzidos: tanto em casa, quanto na escola, num cybercafé ou em *lanhouses*. Podendo ser modificado diariamente ou conforme o *blogger* achar melhor. Não há como definir com precisão o lugar geográfico da produção do blog. O *blogger* pode “criar” o lugar de onde está escrevendo. Segundo Komesu (2004,p.116), no caso dos blogs, não há um dispositivo automático da ferramenta que exponha o lugar de onde se escreve.
- Posição social do emissor, que lhe dá o estatuto de enunciador. O *blog*, ao intermediar uma interação social, é um indicador de relações sociais em que as relações de poder

precisam ser o mais possível mascaradas, sob pena de que o *blogger* não encontre interlocutores para o exibicionismo da sua vida privada, seus pensamentos, enfim, tudo aquilo que descreve sobre si ou sobre os acontecimentos que vivencia, e que deve ser textualizado de forma a conseguir envolver o interlocutor de forma a obter adesão e simpatia. Se a imagem de si que irradia do texto for a de um enunciador prepotente, antipático, certamente não obterá a atenção do Outro.

- A posição social do receptor que lhe dá seu estatuto de destinatário. O enunciador visa uma interatividade “sem fronteiras” que dá uma imagem nebulosa do *blogger*. Este, tanto pode ser uma criança “navegando” livremente, um adulto curioso, ou um jovem que aceita ser parceiro de uma interação que coloca em evidência os mais diferentes temas para que eles sejam compreendidos e discutidos pelo Outro. O importante para o enunciador é que sua mensagem circule e ocupe o espaço da rede.

A posição ocupada pelo “blogueiro” ainda é alvo de muita discussão, Komesu (2004), faz algumas ressalvas quanto se caracterizar um *blog* como uma “espécie” de diário pessoal na rede. Ela se apóia no fato de que quando se produz um *blog*, o que se deseja é, na verdade, que ele seja acessado e lido, tornar público o que se escreve é um dos objetivos. Já no diário pessoal íntimo, o que se tem é a preservação da intimidade. Segundo a autora, há um aspecto de preservação, e não de exposição. Levando este aspecto em consideração, temos então que o *blog* apresenta constituição e funcionamento distintos dos diários íntimos.

Komesu denomina o “jogo enunciativo” que ocorre nos *blogs* como uma relação dinâmica entre o “público e o privado”. Na realidade, os textos enunciados nos *blogs* são caracterizados por terem um aspecto de exposição de si, em contraponto tem-se a possibilidade de dizer algo novo, de criticar.

Para Miller e Shepherd (2007) (*on line*), esta característica de “desestabilização” entre o público e o privado é possível ser percebida nos

blogs, desde o final da década de 90. Os mesmos autores afirmam que “o conteúdo é importante para os escreventes de *blogs* porque representa a liberdade que eles têm de seleção e apresentação desse conteúdo”, o que é, para muitos autores, uma das características mais marcantes do *blog*.

Mesmo assim, não é possível generalizar as características e os conteúdos desse gênero virtual, devido à sua grande variabilidade.

Ainda dentro dessas discussões, os autores citados destacam a “expressão da subjetividade” como uma ação que, em geral, se desenvolve nos *blogs*. Tal ação dá a liberdade para o surgimento de uma “escrita própria”, que permite a valorização das idéias que estão sendo expostas pelo “blogueiro”.

Miller e Shepherd (2007) (*on line*) postulam:

[...] nós devemos caracterizar a exigência genérica do *blog* como algo amplamente compartilhado, uma necessidade recorrente de cultivação e validação de si; além disso, nesse atual tempo, nós devemos localizar essa necessidade como uma interseção entre os terrenos do privado e do público, onde questões sobre identidade são bastante problemáticas.

Por este prisma, a subjetividade existente no interior do gênero em estudo é um produto de certo tempo e espaço. O autor encontra-se diante de uma tela, muitas vezes sozinho no interior de seu quarto e, pela linguagem, representa a si próprio e tenta passar essa auto-imagem, buscando fazer as escolhas mais adequadas para que essa imagem se concretize. A ele cabe escolher, portanto, a forma como se representará no *blog*, pois ele se sente como o único autorizado a fazê-lo, em um espaço de interlocução que não precisa ser negociado na interação. Em outras palavras, a ele cabe decidir: vai se auto-revelar e mostrar a sua face oculta? Ou vai mascarar/sufocar a sua forma de ver o mundo? Falará do cotidiano de sua vida? Ou relatará fatos realmente vivenciados? Vai expor suas leituras e hábitos? Seus sonhos pessoais? As impressões causadas pelos amigos, professores, familiares? Abrirá ao mundo da *web* suas inquietações com o futuro? Com a sexualidade? Com os amores? Vai revelar os mecanismos ocultos que dirigem suas escolhas?

Ele se sente “dono” do discurso e confiante no anonimato da ação de linguagem materializada no *blog*, reserva-se o direito de deixá-lo aberto à reação-resposta, aos comentários dos visitantes.

O analista, preocupado com a questão do uso dessa ferramenta como “formato de interação propiciadora de desenvolvimento” (BRONCKART, 2006, p.153), precisa compreender que as *indexações sociais* das quais o *blog* é portador, são direcionadas no sentido de que o agente-produtor deve demonstrar aos receptores a sua capacidade de escolha, a sua liberdade em não se sujeitar às coerções das normas sociais (familiares e escolares), entre elas a imposição de uso da norma culta formal. Daí, a importância da compreensão de que as decisões do agente se dão entre a escrita digital e a escrita escolar em um contexto de manifestação autêntica de linguagem, o que não descarta o devaneio e a imaginação exacerbada, própria do mundo do adolescente.

4.2 A Infra-Estrutura Textual dos blogs

Segundo Bronckart (1997,p.107), as produções de linguagem devem ser consideradas “em sua relação com a atividade humana em geral”. O agente produtor deve “colocar em interface o conhecimento sobre sua situação de ação e sobre os gêneros de texto, tal como são indexados no intertexto tal como mobilizam os recursos e os pré-construtos particulares de uma língua natural.” (BRONCKART, 1997, p.108). Esse processo acaba na produção de um texto empírico – produto de uma ação de linguagem.

Seguindo os passos do ISD, vamos encontrar em (1997/2003) a descrição da *arquitetura interna dos textos* como um *folhado*. Para o autor, os *folhados* são como estruturas organizadoras do texto, sendo formado de três partes: a infra-estrutura geral dos textos, os mecanismos de textualização e os mecanismos de tomada de posição enunciativa.

O quadro a seguir, apresenta uma síntese das articulações internas que organizam a arquitetura textual:

- * O plano geral: organização de conjunto do conteúdo temático.

- * Tipo de discurso: designa os diferentes segmentos que o texto comporta.

- * A organização seqüencial dos tipos de discurso

- * Os mecanismos de textualização: criam séries isotópicas que favorecem o estabelecimento da coesão temática (conexão, coesão nominal e coesão verbal)

- * Mecanismos enunciativos: contribuem para a manutenção da coerência pragmática.

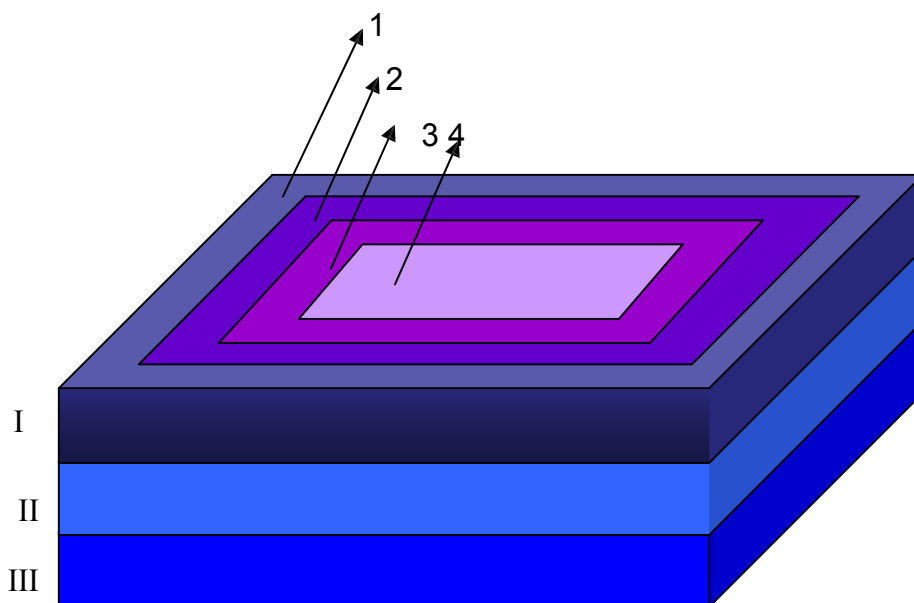
- * Posicionamento enunciativo e vozes: diz respeito ao posicionamento do agente produtor no texto.

- * Modalizações: são “avaliações” formuladas sobre alguns aspectos do conteúdo temático.

Quadro1: Síntese das Articulações Internas

Para fins de uma metodologia de análise da arquitetura textual, essas camadas apresentam-se de maneira superpostas, isto é, de maneira hierarquicamente organizada.

A figura a seguir, permite a visualização da “metáfora” das camadas do folhado textual expostas por Bronckart (1997/2003;2006):



I – Infra-Estrutura Geral do texto

- 1- Plano Geral
- 2- Tipos de Discurso
- 3- Articulações entre os tipos de discurso
- 4- Seqüências

II – Mecanismos de Textualização

- 1- Conexão
- 2- Coesão Nominal
- 3- Coesão Verbal

III – Mecanismos Enunciativos

- 1- Posicionamento enunciativo e vozes
- 2- Modalizações

(figura 1)

Como se pode visualizar, a infra-estrutura é o plano mais geral do texto, pelos tipos de discurso nele contidos, pela modalização de articulação que ocorre entre esses tipos de discurso e pelas seqüências que aparecem.

4.2.1 O Plano Geral dos Textos

O plano geral “refere-se à organização do conjunto que compreende o conteúdo temático; mostra-se visível no processo da leitura e pode ser codificado num resumo.” (BRONCKART, 1999, p.120)

Essa estrutura do texto pode assumir formas diferentes de complexidade, há casos em que apresenta um plano fixo, é o caso de gêneros textuais já consagrados como tal, em outros casos, o texto pode apresentar um plano ocasional, que apresenta modificações de reestruturação, que se modifica conforme as exigências do momento da ação de comunicação.

Bronckart (1999) afirma que o plano geral do texto pode ter formas muito diferentes, não só porque varia dependendo do gênero escolhido, e estes são em número ilimitado, mas também porque os textos apresentam inúmeros fatores que os tornam únicos, como o tamanho, o conteúdo temático, condições de produção entre outros.

Pela densidade e variedade dos planos globais dos textos, o autor afirma que os tipos de discurso e as formas de planificação são as dimensões que mais pesam na infra-estrutura.

No que diz respeito aos tipos de discurso, Bronckart (1999) assegura que é um meio para designar as diferentes partes que o texto comporta, ou seja, são organizações lingüísticas que estão presentes nos gêneros textuais de maneira composta.

O autor acima citado, com relação à produção de um texto, afirma que o agente produtor deverá fazer três escolhas. A primeira delas é com relação ao gênero, em seguida, a escolha quanto ao tipo de discurso, que se desdobra em escolher os procedimentos psicológicos, a constituição do mundo discursivo, as escolhas das seqüências, e escolhas quanto ao grau de implicação da situação de produção), para encerrar, deverá fazer escolhas

quanto à coerência. Em todos os três percursos que levarão à criação de um texto, devem agir os elementos de coesão e conexão, modalização e planificação textual global.

Na infra-estrutura geral do texto, Bronckart (1997/2003,p.120) localiza o *plano geral* referindo-se a ele como sendo “a organização do conteúdo temático que se mostra visível na leitura e é decodificável em um resumo”.

Em relação ao gênero *blog*, o plano geral se apresenta assim:

- a) No cabeçalho é apresentado o nome do *blog*.
- b) As laterais são usadas, em geral, para mostrar o perfil do dono do blog e seus contatos e, ainda, arquivos de textos e fotos já publicadas, além de endereços e comentários recomendados pelo *blogueiro*.
- c) O texto que se apresenta vem acompanhado de assinatura, data e horário em que foi escrito. O dono do *blog*, coloca também atalhos para que o leitor possa encontrar outros textos com o mesmo tema, ou aos quais o texto principal faz alusão.
- d) Há um espaço para que o leitor do *blog* deixe seu comentário.

Os *blogs* podem apresentar muitos desenhos, figuras, letras “animadas”, inúmeros tipos de recursos são oferecidos aos *bloggers*, e estão ao alcance de todos os que procuram um *site* para a construção do seu próprio *blog*.

Os temas encontrados nos *blogs* são tão diversos quanto o horizonte ideológico dos “autores”: tudo depende da faixa etária do *blogger* e da intenção que ele teve ao criar o seu *blog*. Para alguns é mais uma forma de expressar-se, de desvelar-se diante de um destinatário virtual; para outros, é uma forma de diversão “sem maiores conseqüências”; para outros, é uma ferramenta de trabalho e um espaço a mais para reflexões e discussões.

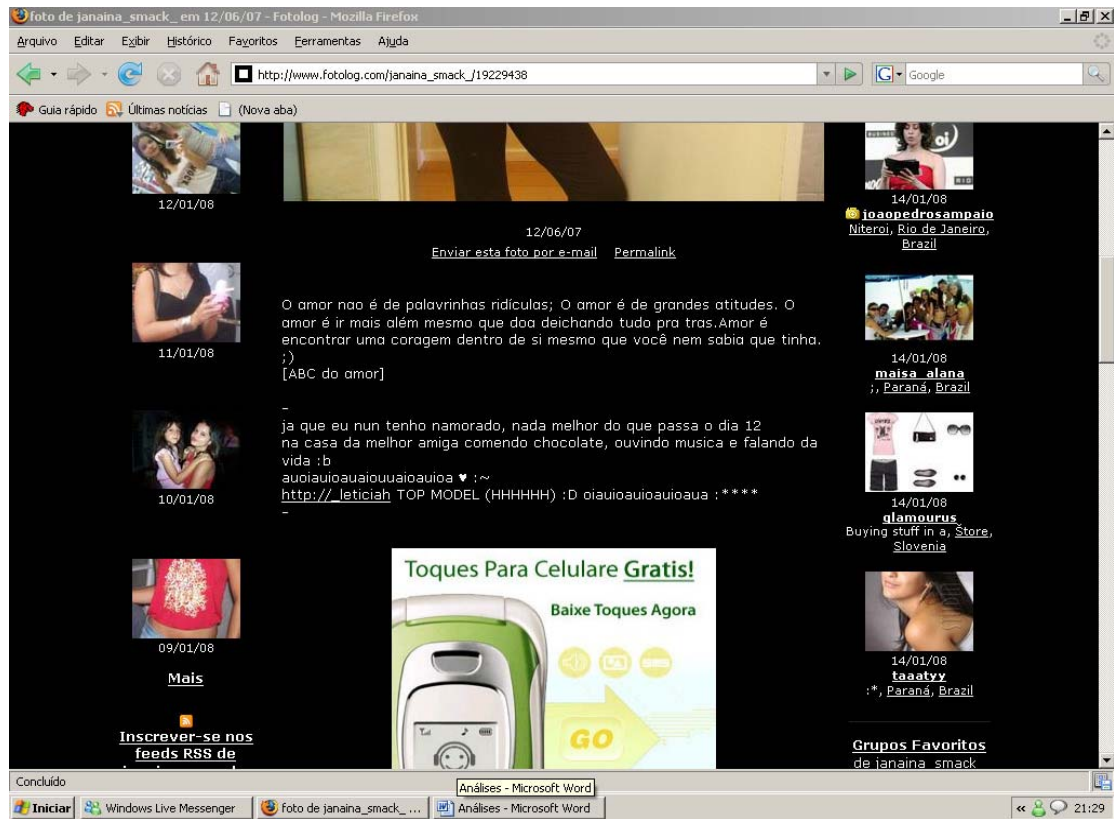
Relembramos o leitor de que os *blogs* que fazem parte do *corpus* deste trabalho foram produzidos por alunas do ensino fundamental e têm, a princípio, as características de um diário virtual, próximo aos gêneros do cotidiano, onde o confronto das estruturas de poder são bastante atenuadas, não se tematizam temas sociais polêmicos, restringindo-se às questões existenciais da vida pessoal, das experiências vividas realmente pelo enunciador do blog e, portanto, situadas no tempo.

Este tipo de diário/*blog*, que mostra o cotidiano vivido pelo *blogueir* nos permite entender as atividades de linguagem que permeiam o mundo das autoras, uma vez que, ao que nos parece, a “intenção” dessas adolescentes é expor o próprio dia-a-dia e os sentimentos presentes em cada situação representada.

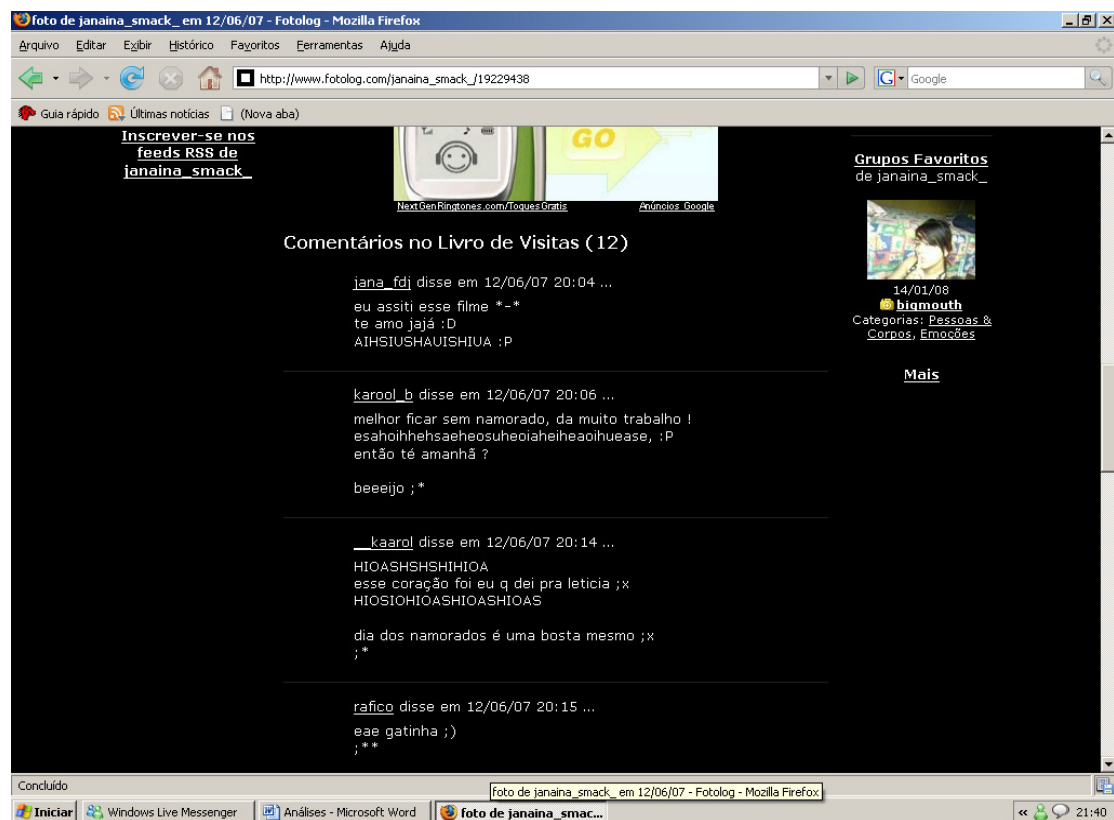
As figuras abaixo, mostradas em três recortes, são as páginas iniciais de um dos *blogs* que constituem o corpus desta pesquisa:



(figura 2)



(figura 3)



(figura 4)

A seguir, apresentamos esquematicamente o plano textual de um *blog*, na forma como é explicado na abordagem do ISD:



(figura 5)

Como afirma Marcuschi (2004, p.33) umas das características principais dos gêneros digitais é a “alta interatividade” que se faz presente através dos inúmeros recursos de escrita presentes nas páginas dos provedores utilizados na criação das páginas pessoais.

Os *blogs* que fazem parte desta pesquisa seguem um plano textual global parecido, apresentando, na sua totalidade (oito textos), as mesmas características.. As diferenças ficam a cargo das ferramentas disponíveis na *internet* tais como tipos de letras, cores, *emotions*¹⁶ e alguns recursos de som presentes nas páginas dos provedores.

¹⁶ Os *emotions* são recursos que formam expressões e emoções através de alguns símbolos do teclado do computador, combinados ou não. Alguns recursos são usado para formar “emotions” como: ;) (piscada) / : (triste) / ;* (beijo).

Tais recursos mostram a postura dos blogueiros no momento da produção, e podem, numa análise mais profunda, estar caracterizando a personalidade do autor/dono da página. Caiado, 2007 (apud Araújo,2006) afirma que o *cyberespaço* configura hoje uma nova era, a Era da Informática, das inúmeras janelas abertas, da hipertextualidade, do diário virtual, de uma nova sociabilidade pela qual o *sujeito dialógico* (BAKHTIN, 1992) interage, promovendo teias e redes de relações humanas.

As características acima apontadas foram reconhecidas em *blogs* criados em um mesmo período de tempo, o que faz da volatilidade dos gêneros virtuais uma questão importante a ser levantada quando tentamos caracterizá-los, uma vez que a sua importância se revela no instante em que ficam gravadas como documentos de gêneros através do tempo.

Concordamos com Marcuschi (2004, p 14) quando afirma que “uma etnografia da internet é de grande relevância para entender os hábitos sociais e lingüísticos das novas “tribos” da imensa rede mundial, que vêm se avolumando e diversificando a cada dia”.

4.2.2 Os Tipos de Discurso

Os *blogs*, como outros gêneros digitais, pautam-se na escrita. Segundo Marcuschi (2004,p.18) “um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita”.

Sendo o texto escrito o que predomina nos gêneros digitais e, principalmente nos *blogs*, faremos uma análise dos tipos de discurso presentes em cada um dos textos pinçados dos *blogs*.

Para Bronckart (2003, p.137) o texto se designa como uma “produção verbal que veicula uma mensagem lingüisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência em seu destinatário [...]”. Dessa forma, a análise dos tipos de discurso presentes em um texto se faz necessária para tentarmos

entender a criação de “mundos discursivos¹⁷” específicos de cada blogueiro. De maneira rápida, os mundos discursivos são formados a partir de escolhas às quais fazemos no momento da produção. Podemos dividi-los em “dois mundos discursivos”, ou seja, semiotizados pelos signos lingüísticos. Seguindo a terminologia de Bronckart (1997/2003): mundo do NARRAR “um mundo situado em outro lugar”, em disjunção ao mundo ordinário da ação de linguagem; o mundo do EXPOR, em que os temas são geralmente objeto de uma avaliação baseada exclusivamente nos critérios de validade dos conhecimentos do mundo ordinário. Remetemos o leitor ao tópico 3.1 desta dissertação.

4.2.3 Tipos de Seqüência mais Freqüentes nos blogs

A primeira característica a ser analisada nos textos será o tipo de discurso predominante em cada uma das seqüências que constituem o *corpus* deste trabalho. Para tanto, vamos analisar conjuntamente os tipos de discurso e os tipos de seqüências que predominam nos textos.

Segundo Bronckart (2003, p.219) citando J.M.Adam (1995), as seqüências podem aparecer de forma combinada em um texto em diversas modalidades, e são dessas combinações que “decorre a heterogeneidade composicional da maioria dos textos.”

A organização seqüencial dos textos, na forma como é postulada por J.M. Adam e adotada por Bronckart (1997/2003; 2006) dividem-se em:

- Seqüência Narrativa,
- Seqüência Descritiva
- Seqüência Argumentativa.
- Seqüência Explicativa e
- Seqüência Dialogal.

¹⁷ Para maiores especificações teóricas: consultar Jean-Paul Bronckatr (2003; 2006)

Cada uma dessas seqüências tem suas características próprias, com fases que as constituem. Elas serão expostas no decorrer das análises.

Os textos que serão analisados a partir desse momento encontram-se na íntegra no anexo deste trabalho e serão, a partir de agora identificados por meio de números seqüenciais.

No primeiro item, identificaremos os tipos de discurso mais freqüentes nos *blogs*, que fazem parte do *corpus* desta pesquisa. Falamos em “mais freqüentes” devido à volatilidade do gênero em estudo.

Em primeiro lugar, nossa preocupação é em mostrar o tipo de seqüência predominante nos *blogs*, já que essa é uma das maneiras de classificar o gênero em questão.

Através do levantamento de dados, o que se pode apurar é que a maioria, ou seja, 62,5% dos *blogs* apresentaram seqüências descritivas. Os outros 37,5% apresentaram seqüências narrativas. Observe:

Texto	Tipos de Seqüência				
	Narrativa	Descritiva	Argumentativa	Explicativa	Dialogal
1(A)	-	X	-	-	-
1(B)	-	X	-	-	-
2(A)	-	X	-	-	-
2(B)	X	-	-	-	-
3(A)	-	X	-	-	-
3(B)	X	-	-	-	-
4(A)	-	X	-	-	-
4(B)	X	-	-	-	-

Quadro 2: a organização seqüencial dos textos

O *blog* é tido como um gênero que funciona como um “diário virtual”, e, como nos diários escritos, há uma tendência no predomínio de seqüências descritivas e narrativas, pois os produtores, em sua maioria usam os diários para “descrever” ou “narrar” fatos do dia-a-dia.

A presença das seqüências descritivas como em :

“[...] ja que eu nun tenho namorado, nada melhor do que passa o

dia 12 na casa da melhor amiga comendo chocolate, ouvindo musica e falando da vida “ (texto 1(A)

contribui para confirmar a característica que, segundo Marcuschi (2004, p.61) se justificam porque :

os *blogs* funcionam como um diário pessoal na ordem cronológica com anotações diárias ou em tempos regulares que permanecem acessíveis a qualquer um na rede. Muitas vezes, são verdadeiros diários sobre a pessoa, sua família ou seus gostos e seus gatos e cães, atividades, sentimentos, crenças e tudo o que for confessável.

Esta é uma característica nos *blogs* que fazem parte do corpus dessa pesquisa, assim verifica-se que os autores/blogueiros usam o gênero para uma ação de linguagem em que expõem as suas representações sobre fatos do dia-a-dia, sobre os sentimentos e emoções que eles despertam em sua consciência, e que consideram ser de interesse comum aos interlocutores. A impressão que se tem, é que os autores desses *blogs* não prevêm a possibilidade de serem “lidos” pelos pais ou professores, “soltam-se” de forma alegre e descontraída, livres de sanções e restrições normativas.

4.2.4 A Coesão Verbal nos Blogs

Os mecanismos de coesão verbal são os organizadores do texto, situando o discurso em um contexto temporal. Para Bronckart (2003,p.313), “organizam o conjunto dos processos semiotizados em um texto, seja situando-os em relação a um parâmetro de controle [...] seja distribuindo-os em níveis hierárquicos deferentes [...]”.

Nos textos analisados, o que se pode observar é a presença de uma coesão verbal própria da linguagem escrita, porém com alguma supressão de consoante final. Percebe-se, no entanto, como se pode verificar tanto no texto completo, como no excerto a seguir, que o *blogueiro* tem a clara noção

dos usos da norma padrão de linguagem, porém o adapta ao meio digital que constitui o suporte para a ação de linguagem que realiza.

Veja-se o exemplo a seguir, retirado de http://www.fotolog.com/ianaina_smack/19229438:

[...]ja que eu nun tenho namorado, nada melhor do que passa o dia 12 na casa da melhor amiga comendo chocolate, ouvindo musica e falando da vida :) [...]

A aluna, autora dos *blogs*, sabe que deve escrever de tal maneira. Caso agisse em contrário, provavelmente seria vista como uma “estranha” entre os donos das páginas pessoais. O que vem acontecendo é o entendimento das escolhas que devem ser feitas, de acordo com cada gênero textual. Mesmo se utilizando de alguns recursos como “:)” e a palavra “ num”, no lugar de “ não”, que são recursos “ escolhidos” pela autora, percebe-se a correta coesão verbal.

Tais escolhas, adequadas tanto em relação ao uso do tempo verbal e à sua concordância, mostram que a autora demonstra algum conhecimento dos mecanismos lingüísticos necessários para a construção de um texto bem escrito, sobre o qual o destinatário possa estabelecer a coerência, ou seja, possa dar sentido.

A coesão temporal organiza, de certa forma, os acontecimentos explicitados nos textos, como em <http://www.fotolog.com/ana1/28576215>,:

*[...] a gente nem **ta** gatinha na foto ein não não, não não :b **abafa** que ontem aqui em casa **foi** poco miaral :b a gente **adubo** muito, mesmo :b afinal pra que serve a melhor amiga? \\o/ pra **tira** fotos muito abudaboras, que **ficaram** uma coisa GATA e a gente nem é do mal, nem falamo mal de ninguem (6) mas também **falamo** MUITO BEM né, aoo trem :b é internas, que ninguem pode sabe huaa [...]*

Xavier (2007) afirma que, mesmo indivíduos pouco letrados conseguem fazer uma adequação lingüística coerente com cada situação, essa idéia vem sendo comprovada pelas comparações feitas entre provas de alunos e a escrita em seus próprios *blogs*, como demonstramos neste trabalho.

Segue abaixo o quadro sintetiza os dados obtidos na análise dos textos que constituem o “*corpus*” deste trabalho. Mesmo com o fato de os *blogs* selecionados terem textos curtos (afinal, são anotações do dia-a-dia), pode-se perceber como cada uma das quatro adolescentes caminha pelos dois gêneros, o blog e a produção escolar, sem maiores problemas de adaptação da linguagem ao contexto de uso.

Os quadros foram feitos com os itens “ausente” e “presente” devido ao tamanho dos textos. Cabe aqui salientar que, na escolha dos *blogs* teve-se o cuidado de separar dois *blogs* e uma produção pertencentes a alunas com rendimento escolar acima da média¹⁸, e os outros dois, de alunas com rendimento escolar um pouco inferior.

O que se pretende, com essas escolhas, é mostrar que, independente do rendimento em avaliações, os alunos são capazes de comunicar-se e interagir através da folha/tela do diário digital – o blog.

Texto	Mecanismos de Coesão Verbal	
	Presente	Ausente
1(A)	X	-
1 (B)	X	-
2(A)	X	-
2(B)	X	-
3(A)	X	-
3(B)	X	-
4(A)	X	-
4(B)	X	-

Quadro 3: Presença de mecanismos de coesão verbal

Mesmo com as formas variadas de linguagem que se apresentam nos *blogs*, percebemos que a coesão verbal nos dá um eixo temporal que organiza o texto, mesmo que não sejam explicitados os momentos exatos dos

¹⁸ Quando falamos “abaixo da média”, nos referimos à média escolar das notas bimestrais dos alunos da turma à qual as alunas pertencem.

acontecimentos dos fatos. Sabemos que uma das características dos *blogs* é a de ser “quase” um diário íntimo virtual. Como a linguagem da internet é dinâmica, constituída por diferentes linguagens ou semioses, é de importância fundamental que o texto, mesmo acompanhado de algumas transgressões¹⁹ à norma padrão, seja compreendido por quem o leia.

Afinal, o autor do *blog*, intencionalmente, ou não, pretende que suas ações diárias, seus pensamentos e sentimentos sejam percebidos pelo “expectador/leitor da página pessoal que está sendo exibida sem nenhuma restrição. Em outras palavras, ele abre o seu mundo interior para o exterior, e deseja ser compreendido enquanto pessoa: espera que julgamentos, juízos e valorações de base moral fiquem descartados na recepção do destinatário virtual. Ainda que a *responsividade ativa do receptor* (BAKHTIN, 1982) estejam sempre latentes, o *blogueiro* as ignora, pois ele é um ser do mundo real se expondo para o mundo virtual.

4.2. 5 A Coesão Nominal nos Blogs

O mecanismo de textualização (BRONCKART, 1997/2006) se refere aos mecanismos de coesão nominal, mais precisamente a coesão referencial anafórica. Esse é um recurso que contribui para a tessitura do texto, ou seja, a textualidade. Na organização do texto, os interlocutores (produtor/receptor) procedem de maneira a atingir uma certa estabilidade entre as novas informações que estão sendo passadas e as informações que já estavam presentes em outros momentos.

A coesão nominal difere da coesão verbal, uma vez que esta diz respeito à introdução e articulação das diferentes séries isotópicas que ~~constituem um texto, além~~ disso, contribui também para a articulação de temas e personagens novos, para a retomada ou substituição dos mesmos no desenrolar do texto. As “cadeias anafóricas” são as responsáveis por isso.

¹⁹ A palavra “transgressões” utilizada ao longo do texto não deve ser vista como sinônimo de “erro” apenas como sendo um “mero desvio da ortografia oficial”(BAGNO, 2007,p.122)

Como podemos encontrar em Bronckart (2003, p. 268), há, entre outras, duas categorias de anáforas que marcam a coesão nominal: as pronominais e as nominais. Nas anáforas pronominais estão incluídos os pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos.

Quando o produtor do texto não usa corretamente tais anáforas, o que se percebe são textos ambíguos em relação ao objeto referido, em alguns casos não é possível determinar o referente.

Na categoria dos sintagmas nominais o problema que ocorre com maior frequência é a repetição (muitas vezes desnecessárias) de um grupo nominal em momentos em que a simples troca por um pronome seria o suficiente para que o leitor pudesse fazer as relações apropriadas entre a forma remissiva e o referente.

A discussão acerca do uso “adequado/correto”, ou, “adequado/quase correto” em relação às normas do padrão culto da língua é um dos focos desta pesquisa.

O que foi encontrado, mostra-nos que o produtor tem consciência do que está escrevendo e toma, então, as decisões corretas para interagir com o instrumento de mediação, ou seja, o gênero digital em questão. Porém, em alguns momentos, o que se percebe é que o blogueiro “esquece” que está interagindo no meio digital e deixa fluir uma gramática internalizada, algo que ele adquiriu nos *processos de mediação formativa*, na escola ou fora da escola. Como se pode perceber em:

*ai hoje acordo tomando um montinhu da ana i da djeine (Y)
depois casa da ana, ai chega lá u rocha i o hosida.ai eu i a
djeine e o hosida pa dexa o casal sozinhu ficamo andando pa
tudu qto é lugar;)*

A esse respeito, Xavier (*on line*) afirma que:

[...] é natural que a cada nova necessidade de comunicação ou desejo de expressão do homem, haja modificações na forma de utilização da língua. Assim surgem as **variações** lingüísticas, que uma vez aceitas pelo uso constante dos falantes provocam reais mudanças [...] dessa maneira oferece

condições sócio-técnicas para a emergência de novos gêneros textuais e formas alternativas de utilização das convenções da linguagem escrita.

Tais afirmações chegam para corroborar a idéia de que nossos alunos, quando bem instruídos quanto às questões que permeiam a teoria dos gêneros textuais, são capazes de fazer suas escolhas, de maneira adequada para se comunicarem nos mais variados tipos de gêneros, sem que o uso desta ou daquela variante lingüística interfira no aprendizado de uma norma padrão que é ensinada nos bancos escolares.

O quadro a seguir permite que se delinieie a freqüência ou ausência do uso de tais mecanismos :

Texto	Coesão Nominal	
	Presente	Ausente
1(A)	X	-
1(B)	X	-
2(A)	-	X
2(B)	-	X
3(A)	-	X
3(B)	-	X
4(A)	X	-
4(B)	X	-

Quadro 4: Presença de mecanismos de coesão nominal

Quando se trata da escrita encontrada em gêneros digitais como os *blogs*, uma “certa desconfiança” paira a respeito da coesão nominal. Afinal, a linguagem utilizada pelos *blogueiros* é cheia de abreviações, truncagens, repetições de fonemas ou letras. Porém, pela leitura e análise dos textos pertencentes ao *corpus* desse trabalho podemos entender que o autor dos textos se apropriou do gênero, tomou decisões pertinentes enquanto prática social mas, ao mesmo tempo, ele tem a capacidade de recorrer aos conhecimentos disponíveis em sua memória. Como exemplo, temos o fragmento de *blog* em que a autora faz uma retomada de um sujeito já citado,

o que demonstra a presença de referenciais dentro do texto, configurando um mecanismo de coesão nominal (em destaque no texto):

[...] ai hoje acordo tomando um montinhu da ana i da djeine (Y) depois casa da ana, ai chega lá u rocha i o hosida.

ai eu i a djeine e o hosida pa dexa o casal sozinho ficamo andando pa tudu qto é lugar ;)fomo escorrega la no estadio \lo/ depois eles ficaram tudu la na ana i eu i u hosida fomo xama u

xonga e u bebe :D meia hora pa noiva do bebe se arruma e chega

nu xonga --' ai jogamo uno na ana i eu i u hosida só robava mais ngm vio \lo =P depois fomo embora todo mundo [\lo](#) [...]

Os textos dos *blogs*, apesar de algumas vezes nos parecerem fragmentados, desarticulados, possuem esse “elo” de ligação entre um acontecimento e outro, concedido pelo estilo composicional do produtor */blogueiro*.

Percebe-se, mais uma vez, que a linguagem da internet não interfere na coesão de um texto. Algumas vezes ela pode dificultar, devido ao uso constante das semioses oferecidas pelos provedores, porém não cabe afirmar que sua influência prejudica o ato comunicacional que se estabelece na rede.

Para entendermos melhor as influências da linguagem digital na escrita escolar dos sujeitos em estudo, fizemos um levantamento de “transgressões ortográficas” presentes nos *blogs* e chegamos aos seguintes resultados:

- a) **Texto 1A:** 03 transgressões em 83 palavras, ou seja, 3,6%.
Texto 1B: 01 transgressão em 43 palavras, ou seja, 2,3%.
- b) **Texto 2A:** 07 transgressões em 83 palavras, ou seja, 8,4%.
Texto 2B: 10 transgressões em 83 palavras, ou seja, 12,1%.
- c) **Texto 3ª:** 04 transgressões em 51 palavras, ou seja, 7,8%.
Texto 3B: 16 transgressões em 135 palavras, ou seja, 11,8%.
- d) **Texto 4A:** 06 transgressões em 63 palavras, ou seja, 9,5%.

Texto 4B: 06 transgressões em 145 palavras, ou seja, 4,1%.

O que percebemos nas análises, é que as transgressões que ocorrem na escrita dos *blogs* nada mais são do que uma “ortografia digital”. Podemos observar algumas notações digitais que são muito comuns no meio como:

tbm – também; q – que; vc – você; kasa – casa.

Segundo Caiado (2007), o meio digital traz novas possibilidades lingüísticas, com características específicas que ocorrem no interior das interações através da internet.

Com relação aos *blogs*, a mesma autora afirma que,

Ícones, *templates*, abreviaturas, troca de letras, onomatopéias, interjeições, pontuação irregular, ilustrações representativas do EU e que favorecem a identificação do sujeito virtual (emotions) ajudam a compor o quadro da folha/tela do diário virtual, do blog.”

Como as novas tecnologias trazem uma nova linguagem que está sendo rapidamente absorvida e disseminada pelos adolescentes, muitas são as dúvidas que envolvem as discussões em torno do assunto. Acreditamos que o olhar dos estudiosos deveria focar a interação que ocorre entre os usuários da rede e o gênero de texto que a configura.

O estudo das interações no ambiente digital contribui para desmistificar a crença tradicional imposta por muitas instituições de ensino de que é apenas através da notação “correta” das palavras, conforme ditadas por regras da norma culta da língua se pode gerar sentido num ato comunicacional. A interação no meio virtual acontece, mesmo com as adaptações da norma ao “internetês”. Como afirma Sobral (2005, p. 24), se pensarmos o *blogueiro* como “um sujeito que não é fantoche das relações sociais, mas como um agente, um organizador de discursos, responsável pelo seu ato e responsivo ao outro, compreendermos o sujeito *sempre diz de uma dada maneira dirigindo-se a alguém* (BAKHTIN, 1982) , e esse alguém interfere na própria maneira de dizer, na escolha da variante lingüística, dos itens lexicais e da construção sintática

das frases que constituem o enunciado concreto. Assim, se o *blogueiro* diz da forma que diz, isso se deve às suas representações do contexto em que atua, contexto que implica o destinatário, a intenção, a auto-imagem de si ao agir pela linguagem. Da mesma forma, se o adolescente produz seu texto-alvo de avaliação escolar, ele também tomará as suas decisões relativas à arquitetura interna do texto de acordo com as representações do contexto em que está situada a sua ação de linguagem. O que significa que o professor deve ter, sempre presente, o trabalho didático sobre o contexto de produção.

CAPÍTULO V

AS PRODUÇÕES TEXTUAIS EM SALA DE AULA: A REDAÇÃO ESCOLAR

A escola, tomada como *lugar de comunicação* (DOLZ; SCHENMUEWLY, 2004, p. 9.) apresenta algumas situações escolares que permite esse ato, como por exemplo, a produção de textos. Portanto, é no ambiente escolar que a produção de textos deve inserir-se num processo de interlocução, o que implica, como sabemos, em diversas ações mentais que não são lineares e nem estanques, porém recursivas e interdependentes.

No trabalho de produção textual é necessário que seja apresentado ao aluno a definição dos gêneros textuais, mostrar a ele que o gênero refere-se a textos já concretizados, presentes em nosso dia-a-dia, representantes das características comunicativas definidas por seus conteúdos e propriedades.

Para que o aluno realize a interação através do gênero, é necessário que o educador o coloque frente a frente com o gênero a ser estudado, para que sirva de referência.

Segundo Mattos e Costa, em seu artigo intitulado *Práticas de Leitura/ Escrita em sala de aula*, disponível no site da CIFEFI :

È função do professor fornecer ao aluno condições adequadas de elaboração, permitindo-lhe empenhar-se na realização consciente de um trabalho lingüístico que realmente tenha sentido para si, e isso, é conseguido à medida que a proposição de produção textual seja bem clara e definida [...]

Para que o objetivo acima seja alcançado, se faz necessário o uso dos gêneros em sala de aula. O que queremos salientar é que o *blog*, como um gênero textual digital, tão presente na vida diária de nossos alunos,

principalmente das meninas²⁰, pode ser uma ferramenta de grande ajuda nas disciplinas de línguas e produção textual.

Com o *blog* como ferramenta, o aluno produtor terá um destinatário ainda que virtual e, sendo assim, poderá fazer as escolhas corretas para que a interação aconteça de forma plena.

5.1 Breve Exposição da Infra-Estrutura Textual nas Redações Escolares

Na tentativa de propiciar melhor entendimento por parte dos leitores desse trabalho, partimos do contexto de produção para a compreensão dos textos produzidos pelos alunos. Assim, nos deteremos na “aula de redação” de onde foram recolhidos os textos analisados nesta pesquisa.

O primeiro passo adotado pela professora da sala de aula em questão é a apresentação de um texto pertencente ao gênero em estudo. Durante algumas aulas o tema do gênero é exaustivamente comentado e debatido entre os alunos, com algumas inferências do professor.

Um segundo passo é a resolução de questões interpretativas acerca de um outro texto, do mesmo tema, para que aconteçam mais discussões.

Após esta etapa, começam as etapas de produção. O professor apresenta o tema debatido e pede que os alunos escrevam um texto, em geral argumentativo, sobre o que foi discutido em sala de aula.

O último passo é a produção textual para avaliação bimestral. Como o gênero é “redação escolar”, não apresenta muitas variantes. O esquema abaixo pode mostrar como ele é concebido pela escola da qual estamos tratando.

Este tipo de avaliação tem sempre o mesmo formato, variando somente o tema a ser abordado, ou seja, o “texto- fonte” lido pelo alunos para

²⁰ Um estudo publicado em dezembro/2007 pela Pew Internet & American Life Project, concluiu que, dos usuários de internet entre 12 e 17 anos, um número significativamente maior de meninas têm seu blog (35% de garotas, comparados com 20% de meninos) e criam ou trabalham em suas próprias páginas (32% de meninas, frente a 22% de meninos). www.estadao.com.br, acesso em jan/2008.

retirarem o tema da produção não se enquadra no gênero sobre o qual produzirão o texto. Na produção em foco, apresenta-se ao aluno um poema e pede-se que ele produza um “texto dissertativo”.

Para “ajudar” o aluno, o professor busca ampliar o seu quadro referencial sobre o tema indicando outros textos lidos e trabalhados em sala de aula. Logo em seguida, apresenta algumas recomendações para que o texto seja bem escrito (e conseqüentemente bem avaliado), em seguida, a folha da prova de redação contém uma série de linhas / espaço para a produção.

O esquema a seguir sintetiza a “folha de instruções para a redação” que os alunos recebem para a prova e que constituirá o plano textual dessa produção:

“Nome” da Verificação e logomarca da Escola

Nome do aluno, turma série

Texto de apoio

Instruções para a realização da Avaliação

Espaço
com
linhas
para
a escrita
do texto.

(figura 6)

5.2 As Capacidades para as Escolhas

A escrita produzida em sala de aula, sobretudo na condição de avaliação recebe, por parte dos alunos, uma atenção especial, pois ela acarretará a “nota”, que é de grande interesse dos mesmos.

Podemos dizer que eles têm a nítida certeza de como se comportar, discursivamente falando, perante tal situação. Xavier (2007), em seu instigante artigo “Na Internet dez, na Escola zero”, levanta a questão de que os indivíduos conseguem perceber e decidir sobre as escolhas lingüísticas necessárias para que aconteça um ato comunicacional, seja ele de qual gênero e suporte esteja em questão.

Segundo pesquisa feita por Tapscott (apud XAVIER, 2007), os adolescentes que estão crescendo em meio ao mundo digital acabam por assumir três comportamentos acerca do uso da língua: o imediatismo interacional, a tolerância ao diferente e a autonomia na aprendizagem.

O imediatismo interacional diz respeito à necessidade e rapidez com que o adolescente quer inteirar-se ao conjunto de pessoas que pertencem a um grupo ao qual ele também quer pertencer.

Quando Tapscott (apud XAVIER, 2007.) fala em “tolerância” ao diferente, ele está falando do diferente na linguagem, da pressa de manter os diálogos em conversas *on-line*, em tempo real, o que faz com que os interlocutores encontrem formas mais curtas de grafar uma palavra e até a substituí-las por figuras, os *emotions*.

Quanto à “tolerância de aprendizagem”, o mesmo autor diz que há uma liberdade de expressão imensa, a qual permite adaptações a cada situação de comunicação nova que se apresenta, o que gera um auto- aprendizado, ou seja, os usuários da rede dos computadores vão aprendendo a usar com o uso. Muitas vezes, não se tem a mínima idéia das possibilidades oferecidas pelos *sítes*, mas o uso freqüente dos mesmos faz com que os interlocutores mais atentos aprendam, por si mesmos, a utilizar as ferramentas disponíveis.

Mesmo que a maioria dos textos publicados na internet esteja de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa, é preciso que se repense

no imediatismo dos gêneros digitais, e nas mudanças que eles estão provocando nos nossos adolescentes.

Professores precisam ser preparados - tanto em sua formação pré-serviço, quanto em sua formação em serviço-, para perceber a grande ferramenta que têm em mãos e com a qual podem mediar o desenvolvimento de capacidades nos aprendizes para interagir nas diferentes esferas de uso público da linguagem, escritas ou orais, e aqui se inclui a interação no mundo virtual e os gêneros digitais .

5.3 As Análises da produção de textos escolares

Para entendermos a possibilidade a influência (positiva ou negativa) da linguagem da internet na vida escolar de nossos alunos, partiremos para a análise das produções textuais realizadas em sala de aula no momento da avaliação bimestral. Em seguida, faremos um quadro comparativo entre as produções virtuais e as produções escolares.

Antes, porém, de observarmos os dados obtidos nas análises, se faz necessário repetir que nosso trabalho não objetiva encontrar “erros”, mesmo por que:

É preciso sempre ter em mente que tudo aquilo que é considerado *erro* ou *desvio* pela gramática tradicional tem uma explicação lógica, científica, perfeitamente demonstrável. [...] Quando falamos (ou escrevemos), tendemos a nos adequar à situação de uso de uma língua em que nos encontramos [...] Essa nossa tentativa de *adequação* se baseia naquilo que consideramos ser o grau de *aceitabilidade* do que estamos dizendo por parte de nosso interlocutor ou interlocutores. (BAGNO,2007,p.128,130) (grifos do original)

Tendo em vista tal posição, as produções serão analisadas com foco especial na percepção de uso de palavras abreviadas, *emotions*, redução de fonemas e/ ou sílabas e a repetição de letras e desvios lingüísticos, que são os itens mais usados em textos publicados na rede, em especial os *blogs*, com

a intenção de perceber se a linguagem digital interfere nas produções oficiais dos alunos.

Alguns trabalhos como os de Caiado (2007) demonstram que os adolescentes escrevem “errado” nos *blogs* porque assim o querem. Assim como em nossa investigação, o autor encontrou a utilização de vários recursos lingüísticos como: abreviações (qtas – quantas), troca de letras (nkela – naquela), falta de letra/acento/til (faze – fazer), gírias (meu), dentre outros recursos.

Nos textos produzidos em sala de aula, o que se percebe é o correto uso da língua materna, certamente com algumas “falhas”, porém nada que se compare à escrita no meio digital, nos *blogs* dos mesmos alunos, como pode se constatar no trecho abaixo, retirado da produção de texto de uma aluna da turma:

A cada dia que passa a impressão que temos é que, cada vez mais, a ganância toma conta das pessoas, e com isso elas estão sempre procurando o melhor para si, em alguns casos nem se importam com o que e quem está na sua frente [...] aluna J.L.S.

Fazendo uma comparação com o texto publicado pela mesma aluna em seu *blog*:

*ja que eu nun tenho namorado, nada melhor do que passa o dia 12 na casa da melhor amiga comendo chocolate, ouvindo musica e falando da vida auoiauiouauiouuaioauioua
♥[http:// leticiah](http://leticiah) TOP MODEL (HHHHHH) :D oiauiouauiouauioua
.*****

Encontramos um texto com alguns pequenos desvios lingüísticos, repetição de vogais e consoantes, que tem a finalidade de reproduzir risadas.

O mesmo não acontece nos texto da produção, a aluna sabe que não pode utilizar-se de tais recursos.

Em outro texto de *blog*, http://www.fotolog.com/rafah_h , em que a aluna explora um pouco mais a linguagem digital temos:

ai hoje acordo tomando um montinhu da ana i da djeine (Y)

depois casa da ana, ai chega lá u rocha i o hosida.

ai eu i a djeine e o hosida pa dexa o casal sozinhu ficamo andando pa tudu qto é lugar ;) fomo escorrega la no estadio \\o/

depois eles ficaram tudu la na ana i eu i u hosida fomo xama u xonga e u bebe :D meia hora pa noiva do bebe se arruma e chega nu xonga --' ai jogamo uno na ana i eu i u hosida só robava mais ngm vio \\o =P depois fomo embora todo mundo [\\o](#)

Comparando-se com a produção textual:

Encontramos em nossa sociedade vários tipos de cargos que se exige autoridade e poder acima de pessoas, como por exemplo juiz, coronel, militares, policiais [...]

Como se pode verificar, trata-se de texto sem nenhuma das características lingüísticas e discursivas do *blog* produzido pela mesma autora. Em todos os textos que constituem o *corpus* deste trabalho isso se repete: a autora faz uso diferente de certos elementos em cada um dos contextos de uso (virtual e o da sala de aula).

Ao realizarmos uma análise das unidades lingüísticas consideradas “desvios lingüísticos” encontrados nas produções escolares das alunas (também as produtoras dos *blogs*), percebemos que havia poucos desvios que fossem semelhantes aos encontrados nos *blogs*. Parece que as

dificuldades para tais produções são de outra ordem, então não podemos afirmar que uma escrita influencia a outra.

Em nossa análise percentual, levamos em consideração o número total de palavras utilizadas em cada produção e chegamos aos seguintes dados quantitativos:

a) Produção textual de J.L.S.: 07 desvios lingüísticos, em 490 palavras, ou seja, 1,43%.

b) Produção textual de A.L.M.: 01 desvio lingüístico em 158 palavras, ou seja, 0,63%.

c) Produção textual de R.A.: 19 desvios lingüísticos em 196 palavras, ou seja, 9,7%.

d) Produção textual de D.B. : 07 desvios lingüísticos em 116 palavras, ou seja, 6,3%.

Concluimos, a partir da comparação dos resultados, que os sujeitos em observação encontram-se em níveis de domínio da norma ortográfica. Isso é confirmado pelas conversas informais entre eles a esta pesquisadora.

Os sujeitos R.A. e D.B., disseram não se interessar muito por atividades que envolvam leitura e escrita, diferentemente dos outros dois. Percebemos isso também pelos textos apresentados nos *blogs*. Diferentemente do que os outros dois sujeitos afirmaram nesta mesma conversa/entrevista.

Por não se sentirem à vontade perante o exercício da escrita, as alunas em questão produzem textos com menor conteúdo temático, vazio de informações. Tendem a ser concisas e, às vezes, ficam dando voltas em torno do tema, sem posicionar-se efetivamente.

A falta de familiaridade com a modalidade escrita é, segundo as mesmas quando interrogadas, algo que acontece desde o início de suas vidas escolares, período em que ainda não tinham contato com os computadores e,

portanto não havia nenhuma possibilidade de sofrerem influência do meio digital.

5.4 Os Desvios Lingüísticos Comuns entre Blogs e Produção Textual

Os desvios lingüísticos apresentados pelas produtoras dos *blogs* em estudo nos mostram que, em ambos os casos, eles ocorrem propositadamente, uma vez a variação da linguagem, da maneira como ela ocorre, é aceita plenamente pela comunidade do mundo virtual, sem que nos deparemos com rejeições ou rotulações advindos dessa maneira “diferente” de poder se expressar.

Levando-se em consideração que o total de palavras em cada texto, do *blog* ou das produções textuais, é de 100%, procuramos demonstrar em forma de gráfico as ocorrências de desvios lingüísticos e transgressões cometidos pelos sujeitos produtores em questão:

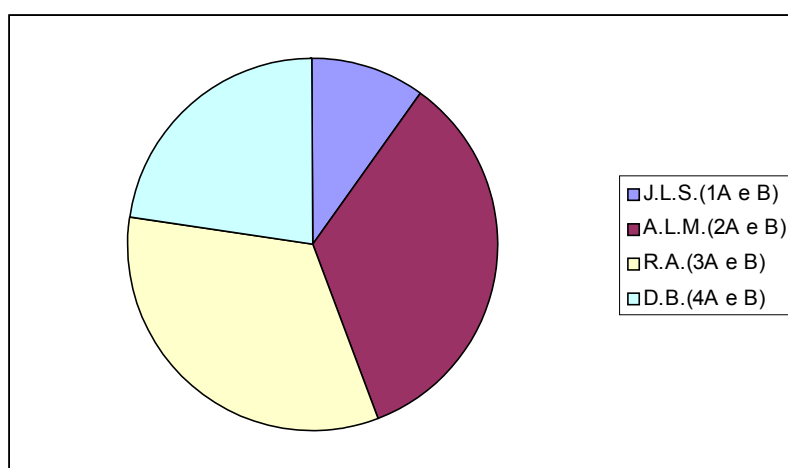


Gráfico 1: Transgressões nos *blogs*

A seguir o gráfico para demonstrar os desvios lingüísticos na produção de texto da prova de redação:

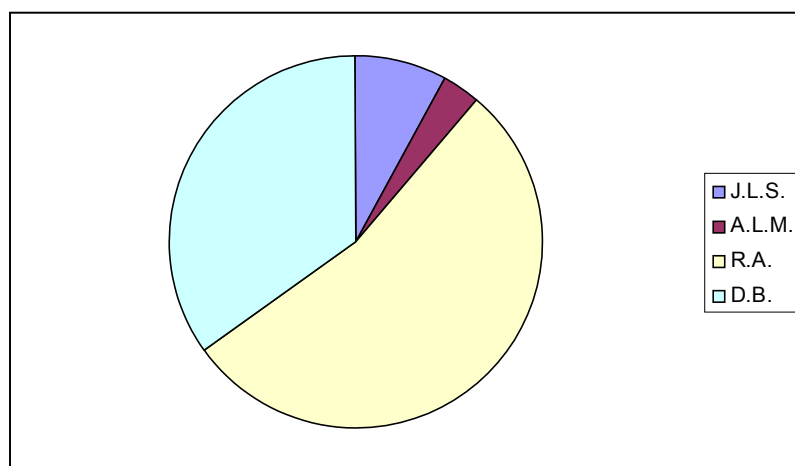


Gráfico 2: desvios lingüísticos com relação à ortografia nas Produções Textuais

Os dados expostos nos gráficos demonstram que acontecem com maior frequência as transgressões nos *blogs*, do que desvios lingüísticos nas produções textuais.

Pudemos observar também, que os desvios lingüísticos não são os mesmos encontrados nos *blogs* e nos textos de produção textual. Um dos motivos dessas diferenças pode ser atribuído à linguagem empregada em cada situação. Nos *blogs*, há uma total liberdade de escolhas de palavras e letras, com repetições ou não. O que não ocorre nos textos, levando-nos a acreditar que o alunos sabe interagir através da linguagem, fazendo escolhas certas com relação ao tipo de relação que deseja estabelecer.

Os dados encontrados em todas as atividades escritas analisadas nos fazem entender que, neste momento, a influência real da escrita digital nas atividades escolares é muito pouco expressiva, ou quase nula.

Diante disso, é possível levantar a hipótese de que os adolescentes sabem que devem adequar a variante de linguagem para o contexto de uso da linguagem escrita quando produzem textos na esfera escolar, ou quando produzem textos na esfera digital. Ou seja, conseguem diferenciar os contextos mais formais de uso dos mais informais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rapidez com que os gêneros digitais aparecem e se reformulam acabam nos trazendo dúvidas sobre suas características mais peculiares. O *blog*, sendo uma página pessoal na internet adquire, muitas vezes, ares de diário íntimo. Lugar de produção onde o indivíduo encontra-se sozinho perante uma máquina. Não há regras a serem seguidas, e a tela do computador parece “proteger” de toda e qualquer identificação.

Estando em tal situação, o agente produtor toma para si “poderes e escolhas” que o tornam apto a escrever e passar a imagem que desejar a seu interlocutor(es). A maleabilidade do gênero *blog*, seus inúmeros recursos e a possibilidade de permanecer anônimo deixam o sujeito produtor para usar a língua da maneira que bem entender, seja para ser aceito em um grupo, seja expressar sentimentos, emoções, “intimidades”, como para usá-la como forma de protesto.

Levando todas estas possibilidades em consideração, e entendendo que na linguagem existem desvios de normas resultantes das representações do contexto de produção e de recepção dos enunciados, e não erros propriamente ditos, é que esta pesquisa centrou-se em levantar dados e conclusões acerca da influência da linguagem digital na escrita escolar de alunos do Ensino Fundamental.

Mais uma vez entendemos a necessidade de deixar claro que o objetivo deste trabalho não é apontar erros. Mesmo porque entendemos que o que muitos gramáticos chamam de erros, para nós é apenas uma nova forma de comunicação, ou seja, uma variante da linguagem oficial.

Como afirma Bagno (1999/2007) não podemos confundir “erro de português com erro de ortografia” e devemos reconhecer que a língua é mutante e variável aceitando todas as variantes na comunicação.

Nossa pesquisa constatou que, mesmo com a ocorrência de várias transgressões à norma escrita culta, os sujeitos analisados conseguem perceber o espaço no qual estão interagindo.

Pudemos perceber que ocorre um número maior de desvios lingüísticos nas páginas digitais em comparação aos textos produzidos em sala

de aula. Isso acontece devida à maior liberdade de escolhas de palavras e também de “brincadeiras” com as mesmas, quando o internauta decide prolongar alguma vogal ou consoante.

Com relação à escrita na internet, consideramos que as regularidades e irregularidades notacionais que se encontram nos textos dos *blogs* comprovam que há uma grande interação entre os adolescentes. Isso nos leva a destacar que a escrita da internet deve ser entendida como uma variação lingüística que está perfeitamente adequada ao contexto de produção, recepção e de circulação e que não devem ser consideradas “erradas” pelos educadores.

Nossos dados apontam apenas um dos inúmeros caminhos que ainda se deve seguir para gerar mais conhecimentos acerca da adequação ou não da linguagem ao contexto de produção. O que é necessário lembrar é que, antes de todas as dúvidas e restrições, o professor precisa apresentar ao aluno todas as formas de linguagem, para que este possa saber fazer suas escolhas e possa interagir com sucesso, em todas as esferas de comunicação às quais ele está sujeito.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para levantar indagações acerca do uso dos gêneros da esfera digital em salas de aula, mas na forma de um ensino deliberado do gênero, o que implicaria a descrição do gênero na elaboração de um *modelo didático* (DOLZ, SCHNEUWLY, 1998/2004; CRISTOVÃO, 2001, NASCIMENTO, 2004) que possa focar o gênero em todos os níveis de análise propostos pelo modelo de Bronckart (2003;2006). Salientamos que o modelo de análise de textos proposto por Bronckart (1997) se mostra compatível com as análises que todo professor de língua portuguesa na educação básica (fundamental e médio) deve realizar no trabalho prévio de transposição de um gênero textual para a sala de aula. Preocupa-nos muito o fato de que muitos professores desejam trabalhar as práticas de linguagem configuradas nos gêneros, mas não têm condições de fazê-lo porque faltou a eles, no processo de formação de professores, as bases teóricas e metodológicas para tratar os gêneros como objeto de ensino.

Trabalhos que descrevam, analisem e apresentem características do gênero e da interação que eles configuram devem ser propostos aos professores, quer nos cursos de formação em pré-serviço, quer nos cursos de

formação contínua. Em relação aos gêneros digitais, se essa formação fosse efetivada, talvez a “fobia” que ainda paira, dentro de algumas instituições de ensino, fosse sendo abolida e assim poderia chegar ao fim a crença de alguns de que a linguagem utilizada na internet influencia de maneira negativa a produção de textos escolares dos adolescentes.

É justamente sob esse ponto de vista que penso ter deixado as minhas contribuições para o letramento (digital e escolar), ao trazer as minhas reflexões sobre o gênero *blog* sob o enfoque interacionista sociodiscursivo.

Para os envolvidos no processo de ensino da Língua Portuguesa este trabalho pode servir de sugestão ou modelo de abordagem de um gênero digital, uma vez que ainda são pouco freqüentes os trabalhos acadêmicos no Brasil que os abordem em seus vários aspectos: contextuais, discursivos e lingüísticos.

Mesmo que o foco dos meus estudos tenha sido o *blog*, o modelo de análise textual utilizado também pode servir de parâmetro para a abordagem de outros gêneros digitais. Ou seja, o trabalho que acabo de realizar é o início de uma trajetória pedagógica, ele se encontra nos bastidores do ensino, mas é necessário para os resultados finais do letramento escolar, uma vez que pode evidenciar efeitos significativos nas intervenções didáticas.

Embora não abordando todas as categorias de análise propostas pelo ISD, uma vez que a extensão do trabalho não permitiria (categorias estas às quais pretendo me dedicar em outra ocasião), espero que essa pesquisa contribua não só para a didatização dos gêneros textuais digitais no ensino de Língua Portuguesa, mas também para servir de modelo de abordagem lingüístico-discursiva do gênero *blog* no processo de letramento escolar, o que certamente implica um referencial teórico aplicado para a área de formação de professores de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS:

ALAVA S, et al. *Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?* Porto Alegre: Ártemis, 2002.

ARAÚJO, J. C. *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ARAÚJO, J. C.; RODRIGUES-BIASI, B. Questões de estilo no gênero chat aberto e implicações para o ensino de língua materna. In: ARAÚJO, J. C. *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, [1999]. 2007.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. In: Bakhtin, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, [1979]. 1992.

BARROS, E. M. Deganutti de. *A apropriação do gênero crítica de cinema no processo de letramento*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina - Londrina/PR.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Org.). São Paulo: Cortez, 2005.

BOLTER, J. D. *Writing space: the computer, hypertext, and the history of writing*. Nova Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, 1991.

BRAGA, D.B.; BUSNARDO, J. Digital literacies for autonomous learning: Designer problems and learner choices. In: SYNDER, I.; BEAVIS, C. (Ed.). *Doing Literacy Online: Teaching, Learning and Playing in a Eletronic Era*. New York: Routledge, 2004.

BRAGA, B.D. Práticas letradas digitais: considerações sobre possibilidades de ensino e de reflexão social crítica. In: ARAÚJO, J. C. (Org.). *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. Práticas letradas digitais: considerações sobre possibilidades de ensino e de reflexão social crítica. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). *Internet e Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. pp. 181-195

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: 1998.

BRITO, Gláucia da Silva. Disponível em <http://www.educacional.com.br/entrevistas>>. Acesso em 30 maio 2007.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Trad. Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo : EDUC, 1999/2003

_____. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Tradução e organização de Anna Raquel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Mantencio. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2006. (Coleção Idéias sobre Linguagem).

_____. Commentaires conclusifs. Pour un développement collectif de l'interactionnisme socio-discursif. *Calidoscópico*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Centro de Ciências da Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. V.2, n.º 2, dez.2004. São Leopoldo(RGS):UNISINOS, 2004.

CAIADO, R. V. R. A Ortografia no gênero *weblog*: entre a escrita digital e a escrita escolar. In: ARAÚJO, J. C. (Org.). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 35-47.

CRISTOVÃO, V. L. L. *Gêneros e ensino de leitura em LE: os modelos didáticos de gêneros na construção e avaliação de material didático*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CHARTIER, R. Do códex à tela: as trajetórias do escrito. In: CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília, DF : UnB, 1994. p. 95-111.

DIONÍSIO, A . P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARVOSKI, A. et al. (Org.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Lucerna, 2006.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo. Campinas, SP : Mercado das Letras, 2004

FERREIRA, Paulo Henrique de Oliveira. *O jornalismo e as tecnologias de informação on-line: do Telégrafo à Internet Móvel*. Disponível em (http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd/grupos%20de%20trabalho%20de%20historia%20da%20midia/historia%20da%20midia%20digital/midia_digital_paulo.doc). Acesso em: 3 dez. 2007.

GADOTTI, Moacir. *Perspectivas Atuais da Educação*. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>>. Acesso em 30/05/2007.

GALEMBECK, P. de Tarso. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: PRETTI, D. (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo, Humanas Publicações- FFLCH/USP, 1997. p. 91-114.

http://www.microsoft.com/brasil/educacao/parceiro/blogs_na_educacao.msp .
(Acessado em 10/10/07)

http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id_conteudo=13156
<http://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=content&task=view&id=590&Itemid=298>

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

_____. A. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (Org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998a. p. 173-203.

_____. A construção de identidade em sala de aula: um enfoque interacional. In: SIGNORINI, I. (Org.) *Lingua(gem) e identidade*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998b. p. 272 .

KOMESU, F. C. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. (Org.). *Hipertexto e Gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.110-119.

_____. *Entre o público e privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet*. 2005. Tese (Doutorado em Lingüística) - Unicamp, Campinas.

LEAL, V.P.L. O chat quando não é chato: o papel da mediação pedagógica em chats educacionais. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. pp. 48-63.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.* Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. *O que é virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Cibercultura.* Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LEVY, P. *A Emergência do ciberespaço e as mutações culturais.* Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/direitosglobais/paradigmas/pierrelevy/emerg.html>. Acesso em 23 jul. 2007.

LOING, Bernard. *Escola e tecnologias: reflexão para uma abordagem racionalizada.* *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, p. 40-43, jul./ set. 1998.

MACHADO, A.R. A perspectiva sociointeracionista de Bronckart. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates.* São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 237-260.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos da comunicação.* São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: o que são e como se classificam.* Recife: UFPE, 2000. (mimeo.)

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. (Org.). *Hipertexto e Gêneros digitais: novas formas de construção de sentido.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.13-67.

MASETTO, M.T. Mediação Pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J.; BEHRENS, M.A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica.* Campinas, SP: Papirus, 2000. p.; 133-173

MEURER, J. L. O conhecimento de Gêneros Textuais e a formação do profissional da linguagem. In: FORTKAMP. M. B. M.; TOMITCH, L.M.B. *Aspectos da Lingüística Aplicada: Estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn.* Florianópolis: Insular, 2000. p. 149-166

_____. Ampliando a noção de contexto na lingüística sistêmico-funcional e na análise crítica do discurso. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, p. 133-157, 2004. (Número Especial)

_____. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, J.I.; BONINE, A.; MOTA-Roth, D. *Gêneros : teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola: 2005.

MILLER, C.; SHEPHERD, D. *Blogging as social action: a genre analysis of the weblog*. Disponível em: http://blog.lib.umn.edu/blogsphere/bloggin_as_social.html>. Acesso em: 13 jul. 2007.

MORAIS, A.G. *Ortografia: ensinar e aprender*. 4 ed. São Paulo; Ática, 2000.

MOTTA-ROTH, D. De receptor de informação a construtor de conhecimento: o uso do chat no ensino aprendizagem no ensino do Inglês para formandos de Letras. In: PAIVA, V.L.M.O. (Org.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: Poslin/FALE/UFMG, 2001. p. 230-47.

NASCIMENTO, E. L. A transposição didática de gêneros textuais: uma proposta de trabalho. In: NASCIMENTO, e.L.; CRISTOVÃO, v.I.I. *Gêneros textuais: teoria e prática I*. Londrina: Moriá, 2004.

NASCIMENTO, E.L. A construção do modelo didático do gênero “anúncio publicitário institucional”. In: NASCIMENTO, E. L.; CRISTOVÃO, V.L. Lopes. (Org.) *Gêneros textuais: teoria e prática*. Londrina: Moriá, 2004.

NASCIMENTO, E. L.; CRISTOVÃO, V.L.L. (Org.). *Gêneros textuais: teoria e prática II*. Palmas e União da Vitória (PR): Kaygangue, 2005.

NASCIMENTO, E. L. et al. A linguagem sob um olhar sócio-discursivo. *Signum*, v. 6, n.2, p. 81-100, 2003.

NASCIMENTO, E L. O interacionismo sociodiscursivo e os gêneros textuais: instrumentos para práticas de linguagem e de letramento na rede nacional de formação continuada de professores da educação básica – EaD. In: *Anais*. SIGET, Santa Maria, 2005.

NASCIMENTO, E. L.; SAITO, C. L. N. ; GONÇALVES, L. M. *A apropriação de gêneros textuais: ferramentas para o processo de letramento*. Ponta Grossa: Ed. Da UEPG, 2006.

NASCIMENTO, E. L.; GONÇALVES, Adair V.; SAITO, Claudia L. N. Gêneros textuais e ferramentas didáticas para a formação contínua de professores das séries iniciais. *Revista Signum. Estudos da Linguagem*, N. 10.2. 2007.

PAIVA, V.L.M.O. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. (Org.). *Hipertexto e Gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. pp.68-90

NASCIMENTO, E. L ; Hila, C. V. Práticas de sala de aula: gêneros textuais como objetos de ensino. In: SANTOS, A . R.; RITTER, L. *Formação de professor em EaD*. Maringá (PR): Eduem, 2008. Prelo.

_____. Aprendendo inglês no ciberespaço. In: PAIVA, V.L.M.O.(Org.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: Poslin/FALE/UFMG, 2001. p. 230-47.

PERRENOUD, P. *Pedagogia diferenciada: das intenções à ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PORTAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em 20 set. 2007.

PRETTI, D. (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanias Publicações-FFLCH/USP, 1997.

RAMAL, Andréa Cecília. Internet e Educação. *Revista Guia da Internet.Br*, Rio de Janeiro, n.12, 1997. Disponível em: http://www.pedroarrupe.com.br/upload/UM_NOVO_PARADIGMA_EM_EDUCA%C3%87.pdf. Acesso em 21/09/2007.

RIBEIRO, M.M.; Araújo, J.C. “Tia, Eu já Escrevi o site do ‘Rotimeio’. Agora é só Apertar o Enter?” O Endereço eletrônico na sala de aula. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). *Internet e Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 165-178

ROJO, R. H. R. A teoria dos gêneros em Bakhtin: construindo uma perspectiva enunciativa para o ensino de compreensão e produção de textos na escola. In: BRAIT, B.(Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas: Pontes: São Paulo: Fapesp, 2001.

RUIZ, E. M. S. D. Kd o português dk gnt???:-D O *blog*, a gramática e o professor. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 5, n. 1, p. 115-133, 2005.

SAITO, Cláudia L. N. *Nas teias do Homem-Aranha: um estudo do gênero discursivo "adaptação oficial de filme em quadrinhos"*. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). UNESP – Assis, 2007

SCHAFF(1998); Bolter, Landow, Lévy (1993); Rouet (1996),

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. E org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: mercado de Letras, 2004, p. 21- 41.

SILVA JUNIOR, José Afonso da. Jornalismo 1.2: características e/ usos da hipermídia no jornalismo, com estudo de caso do grupo Estado de São Paulo. Disponível em (www.facom.ufba.br/jol/doc/2000_silvajr_jornalismo1_2.zip). Acesso em 19/01/2008.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998b.

_____. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cybercultur*. Educ. Soc. v.23 n.81 Campinas dez. 2002

SOBRAL, A . Ato/ atividade e evento. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave* . São Paulo: Contexto, 2005.

SOUZA, S.C.T. As formas de Interação na Internet e suas Implicações para o Ensino de Língua Materna. In: *Internet e Ensino: Novos Gêneros, Outros Desafios*. Júlio César Araújo (organizador). – Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.pp. 197-204.

SWALES, J. M. *Genre Analysis: english in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TFOUNI, L.V. *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. Campinas: Pontes, 1988.

_____. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995.

URBANO, H. A expressividade na língua falada de pessoas cultas. In: PRETTI, D. (org.). *O discurso oral culto*. São Paulo, Humanias Publicações- FFLCH/USP, 1997, p. 91-114.

WIKIPÉDIA. Disponível em < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet>>. Acesso em: 10/06/2007.

WODAK, R. Do que trata a ACD- um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. In: *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, v. 4, n especial Análise Crítica do Discurso, p. 223-243, 2004.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. Letramento Digital e Ensino. In: Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. (Org.). *Alfabetização e Letramento: conceitos e relações*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. 1, p. 01-09.

Disponível em < <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento>>. Acesso em 22/08/07.

Antonio Carlos dos Santos.

<http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Reflex%F5es%20em%20torno%20da%20escrita%20nos%20novos%20g%EAneros%20digitais.pdf> . Acesso em 12/01/2008.

Antonio Carlos dos Santos. Na Internet Dez Na Escola Zero: adequação ou esquizofrenia na escrita de adolescentes que crescem na rede? (mimeo)

ZAVAN, A. E-Zine: Uma Instância da Voz dos E-xcluídos. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). *Internet e Ensino: Novos Gêneros, Outros Desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 93-112.

ANEXOS – Corpus da pesquisa

TEXTO 1 (A) POSTADO EM 12/06/2007
http://www.fotolog.com/janaina_smack_/19229438

O amor nao é de palavrinhas ridículas; O amor é de grandes atitudes. O amor é ir mais além mesmo que doa deichando tudo pra tras.Amor é encontrar uma coragem dentro de si mesmo que você nem sabia que tinha. ;)

[ABC do amor]

-

ja que eu nun tenho namorado, nada melhor do que passa o dia 12 na casa da melhor amiga comendo chocolate, ouvindo musica e falando da vida :b auoiauoauaiouuaioauioua ♥ :~

[http:// leticiah](http://leticiah) TOP MODEL (HHHHHH) :D oiauoauioauioua :****

foto de janaina_smack_em 12/06/07 - Fotolog - Mozilla Firefox

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

http://www.fotolog.com/janaina_smack_/19229438 Google

Guia rápido Últimas notícias (Nova aba)

25/02/08

24/02/08

12/06/07

Enviar esta foto por e-mail Permalink

O amor nao é de palavrinhas ridículas; O amor é de grandes atitudes. O amor é ir mais além mesmo que doa deichando tudo pra tras.Amor é encontrar uma coragem dentro de si mesmo que você nem sabia que tinha. ;)
[ABC do amor]

-

ja que eu nun tenho namorado, nada melhor do que passa o dia 12 na casa da melhor amiga comendo chocolate, ouvindo musica e falando da vida :b auoiauoauaiouuaioauioua ♥ :~
[http:// leticiah](http://leticiah) TOP MODEL (HHHHHH) :D oiauoauioauioua :****

01/03/08
camiliinha
:D, Austurland, Iceland

01/03/08
bazilio
Maringá, Paraná, Brazil

01/03/08
juh_paxaum
Maringá, Paraná, Brazil

01/03/08
raficoo
me xupa, Pays de la Loire, France

Anúncios Google

Concluído

Iniciar

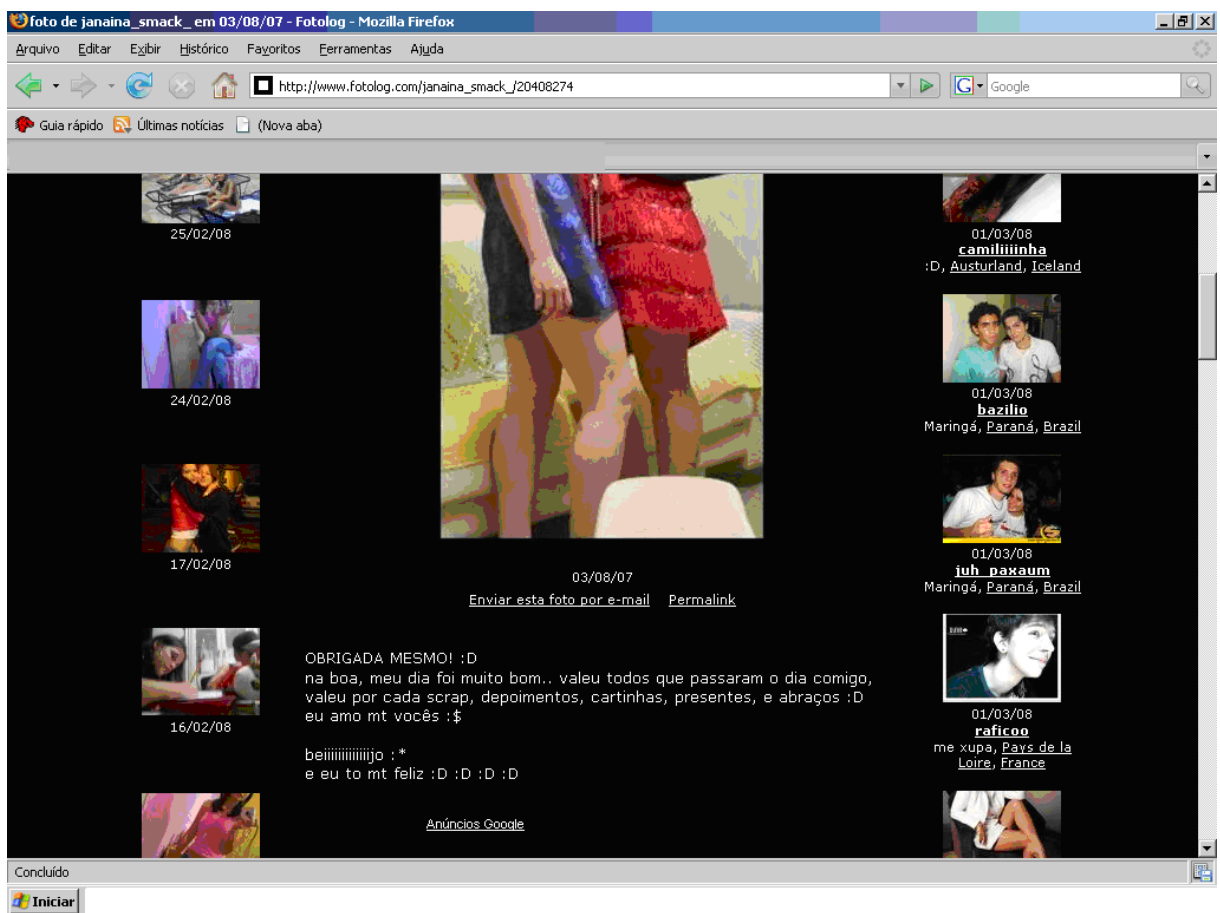
TEXTO 1 (B) POSTADO EM 03/08/2007
http://www.fotolog.com/janaina_smack_/19229438

OBRIGADA MESMO! :D

na boa, meu dia foi muito bom.. valeu todos que passaram o dia comigo,
valeu por cada scrap, depoimentos, cartinhas, presentes, e abraços :D
eu amo mt vocês :\$

beiiiiiiiiiiiiijo :*

e eu to mt feliz :D :D :D :D



TEXTO 2 (B) POSTADO EM 04/10/2007
http://www.fotolog.com/ana1_/28576215

vééi, hoje no café da manhã arábe :b

pensa que eu não fiz nada :D

a gente foi assisti uma palestra que eu quase durmi

dai depois, a gente foi no man come, tipo a gente nem zuo

quebraram a porcelana do arguile :x

e depois outra palestra, que eu e o hosida ficamo zuando o carinha da arábia, e

brincando de par ou impar :D

depois man denovo, tira fotos, gatinhas :D

. a foto ta horrível, mas eu amo vocês (L)

04/10/07
[Enviar esta foto por e-mail](#) [Permalink](#)

vééi, hoje no café da manhã arábe :b
pensa que eu não fiz nada :D
a gente foi assisti uma palestra que eu quase durmi
dai depois, a gente foi no man come, tipo a gente nem zuo
quebraram a porcelana do arguile :x
e depois outra palestra, que eu e o hosida ficamo zuando o carinha da
arábia, e brincando de par ou impar :D
depois man denovo, tira fotos, gatinhas :D

. a foto ta horrível, mas eu amo vocês (L)

Anúncios Google
Franquias Paraná
Seja um Franquizado MRE em Seu Estado - Cobeca Essa

TEXTO 3 (A) POSTADO EM 10/08/2007
http://www.fotolog.com/rafah_h
voltei a att :D

ah ganhei hj nu basquete do feer e do andre \\o\\o
depois duplina eu i u andre ganhamo da ana i do fer
e trabalho que é boom nada né!
soasasaoioisahoisaohisahoioias
(L)

Me and you until the end,
but I guess I was wrong :x
(L) eterno!

foto de rafah_h em 10/08/07 - Fotolog - Mozilla Firefox

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

http://www.fotolog.com/rafah_h/20039359

Guia rápido Últimas notícias (Nova aba)

11/07/07

07/07/07

01/07/07

27/06/07

Mais

10/08/07

Enviar esta foto por e-mail Permalink

voltei a att :D

ah ganhei hj nu basquete do feer e do andre \\o\\o
depois duplina eu i u andre ganhamo da ana i do fer
e trabalho que é boom nada né!
soasasaoioisahoisaohisahoioias
(L)

Me and you until the end,
but I guess I was wrong :x
(L) eterno!

:*

Anúncios Google

01/03/08
kaaroi
Maringá, Paraná, Brazil

26/02/08
leticiah
, Liverpool, United Kingdom

26/02/08
ianaina smack
maringá, Paraná, Brazil

24/02/08
djeinhinha
Balneario de Camboriu,
Santa Catarina, Brazil

Concluído

Iniciar

TEXTO 3(B) POSTADO EM 11/07/2007

http://www.fotolog.com/rafah_h

ahhh até que as ferias ta massa :D
ontem jogão do brasil com a ana i a djeine aqui \\o/
i akeli diego.. meu deus :O
:X

ai hoje acordo tomando um montinhu da ana i da djeine (Y)
depois casa da ana, ai chega lá u rocha i o hosida.
ai eu i a djeine e o hosida pa dexa o casal sozinho ficamo andando pa tudu qto é lugar ;)
fomo escorrega la no estadio \\o/
depois eles ficaram tudu la na ana i eu i u hosida fomo xama u xonga e u bebe :D
meia hora pa noiva do bebe se arruma e chega nu xonga --'
ai jogamo uno na ana i eu i u hosida só robava mais ngm vio \\o =P
depois fomo embora todo mundo \\o

The screenshot shows a Mozilla Firefox browser window with the address bar displaying http://www.fotolog.com/rafah_h/19379851. The page content includes a photo gallery with the following items:

- A photo dated 07/07/07 with the caption: "ahhh até que as ferias ta massa :D ontem jogão do brasil com a ana i a djeine aqui \\o/ i akeli diego.. meu deus :O :X".
- A photo dated 01/07/07 with the caption: "ai hoje acordo tomando um montinhu da ana i da djeine (Y) depois casa da ana, ai chega lá u rocha i o hosida. ai eu i a djeine e o hosida pa dexa o casal sozinho ficamo andando pa tudu qto é lugar ;) fomo escorrega la no estadio \\o/ depois eles ficaram tudu la na ana i eu i u hosida fomo xama u xonga e u bebe :D meia hora pa noiva do bebe se arruma e chega nu xonga --' ai jogamo uno na ana i eu i u hosida só robava mais ngm vio \\o =P depois fomo embora todo mundo \\o".
- A photo dated 27/06/07 with the caption: "http://ana1 http://djeinhaha http://carmoninha http://hosida http://xonga http://rocha".

Additional elements on the page include a "RSS de rafah_h" link, a "Grupos Favoritos de rafah_h" section, and a "Concluído" status bar at the bottom.

TEXTO 4 (A) POSTADO EM 15/04/2007
http://www.fotolog.com/_djeinhinha_

Eu ;}

Foto Horrivel (Y)

Melhor dia hj em hauhauhauh ;x

Amu Todas as pessoas q tava comigo hj

Primeiro Imagina um povo q tem problema dançando,(amigos novos;D),Depois toma banhu de chuva na rua,depois ii correndo pra casa da isis toma banho de chuva lça ;X huahuahauhauhauhauha

Depois dança dinovo (montamo ate um clipe ;X uahuahauhauh),Depois toma teres e ii em bora o/

foto de _djeinhinha_ em 15/04/07 - Fotolog - Mozilla Firefox

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

http://www.fotolog.com/_djeinhinha_/21925771

Guia rápido Últimas notícias (Nova aba)

22/02/08

17/02/08

13/02/08

04/02/08

15/04/07

Enviar esta foto por e-mail Permalink

Eu ;}
Foto Horrivel (Y)
Melhor dia hj em hauhauhauh ;x
Amu Todas as pessoas q tava comigo hj
Primeiro Imagina um povo q tem problema dançando,(amigos novos;D),Depois toma banhu de chuva na rua,depois ii correndo pra casa da isis toma banho de chuva lça ;X huahuahauhauhauhauha
Depois dança dinovo (montamo ate um clipe ;X uahuahauhauh),Depois toma teres e ii em bora o/

01/03/08
lebart
Ribeirão Preto, São Paulo, Brazil

01/03/08
ana1
Marinópolis, Paraná, Brazil

01/03/08
eduardo

01/03/08
dudumedeiros
Recife, Pernambuco, Brazil

01/03/08
dehbobora

Concluído

Iniciar

TEXTO 4 (B) POSTADO EM 10/08/2007

http://www.fotolog.com/_djeinhinha

Pq essas ferias tao sendo as melhores de todas :D
Primeiro Minha Irma chego e vai fika aqui o MÊS TODO *-*
Dai vamo pula um monte de coisas ;X
Dai Terça foi posa na casa da Rafah :D
Pensa eu chego la, a gente vai pro pc (o bob latindo pra mim ;~),depois o bob batendo o rabinho dele na cachorrinha ounnnnnnn *-*,
ahuahauhauhauhauhauhauhau
Dai depois de umas horas o jogo :D
O Gol do DIEGO FOI O MELHOR , Não so o gol ne :X ABAFA
UHAHAUAHAUAHAUAH
Dai de manha acorda a Rafah com montinho :D

Depois casa da ana, ai chega lá u rocha i o hosida.
ai eu i a Rafah e o hosida pa dexa o casal sozinho ficamo andando pa tudu qto é lugar ;)
a ii mais um monte de coisa to com preguisa de escreve :D
HAUAHAUAHAUAHAUAHAUAHAUAHAUAHAUAHAUAHAUAHAUAHAUAHUA

foto de _djeinhinha_ em 13/07/07 - Fotolog - Mozilla Firefox

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

http://www.fotolog.com/_djeinhinha_22700840

Guia rápido Últimas notícias (Nova aba)

22/02/08

17/02/08

13/02/08

04/02/08

13/07/07

Enviar esta foto por e-mail Permalink

Na Foto : Rafah & Ana & Eu & LeLe

Pq essas ferias tao sendo as melhores de todas :D
Primeiro Minha Irma chego e vai fika aqui o MÊS TODO *-*
Dai vamo pula um monte de coisas ;X
Dai Terça foi posa na casa da Rafah :D
Pensa eu chego la, a gente vai pro pc (o bob latindo pra mim ;~),depois o bob batendo o rabinho dele na cachorrinha ounnnnnnn *-*,
ahuahauhauhauhauhauhauhau
Dai depois de umas horas o jogo :D
O Gol do DIEGO FOI O MELHOR , Não so o gol ne :X ABAFA
UHAHAUAHAUAHAUAH
Dai de manha acorda a Rafah com montinho :D

Depois casa da ana, ai chega lá u rocha i o hosida.
ai eu i a Rafah e o hosida pa dexa o casal sozinho ficamo andando pa tudu qto é lugar ;)
a ii mais um monte de coisa to com preguisa de escreve :D
HAUAHAUAHAUAHAUAHAUAHAUAHAUAHAUAHAUAHAUAHAUAHAUAHUA

01/03/08
lebart
Ribeirão Preto, São Paulo, Brazil

01/03/08
ana1
Marinópolis, Paraná, Brazil

01/03/08
eduardo
01/03/08
dudumedeiros
Recife, Pernambuco, Brazil

01/03/08
dehbobora

Concluído

Iniciar

J. L. S.

VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM DE PRODUÇÃO TEXTUAL



Aluno(a) _____ N.º 17 8ª Série: A

Professor(a): Modjo Data: 22/08/07 Valor: 50 pontos

Obs: Caso o aluno(a) não obtendo 60% do valor total da Verificação da Aprendizagem, ele poderá fazer a Recuperação Paralela no dia 16/09 das 10h às 11h40.

Leia o poema abaixo:

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Nãera um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem. (Manuel Bandeira)

Conforme as discussões realizadas em sala de aula relativas aos textos: O LOBO E O CORDEIRO (Jean de La Fontaine), ESSAS MENINAS (Carlos Drummond de Andrade) e O BICHO (Manuel Bandeira) e também reflexões desenvolvidas em outras disciplinas quanto a explosão de poder. Produza um texto dissertativo evidenciando aspectos relacionados ao assunto poder x violência.

Para essa produção fique atento:

- crie um título sugestivo;
- escreva seu texto baseado no parágrafo tipo interrogação;
- no desenvolvimento, utilize três argumentos;
- elabore uma conclusão tipo síntese ou proposta.

Quanto ao poder, a violência? (Rever)

Para dizer a verdade, na realidade em que nos encontramos, muitas pessoas só pensam no poder, mas em algumas coisas para serem as pessoas desiguais, das muitas coisas que há, da moral, e de caráter, dizendo que a realidade tem tanta e com naturalidade de quando não pensamos na busca do poder, fazendo alguns erros, esquecendo o tal ponto de vista, quando pensamos apenas em ganhar e ganhar o poder "conquistado".

É cada dia que passa a impiedade que temos é que, cada vez mais, a gente começa a ter cada dia pessoas, e com isso isso está sempre procurando o melhor para si e em algumas coisas não se importam com o que é quem está na sua frente, pensando que é um direito absoluto para chegar onde quiser, para que se encontre onde quiser, como um novo lugar cada vez melhor por dentro e fora.

Quanto, portanto, tantas longas, desigualdade, e para não de tudo isso existe a busca pelo poder, cada vez mais países e pessoas entre si tentam mostrar uma boa ideia que podem ser melhores, uma melhor, para a busca do poder, acabam pensando por cima de coisas materiais para sua vida e também por coisas que podem ser imateriais, como no caso da busca de poder, que muitas pessoas têm e muitas vezes e ainda há muitas pessoas que estão buscando um tanto mais de poder, e um tanto de poder, e mais de tanto refinamento.

Porque que não são todos os países que só ficam no poder, mas é necessário uma preocupação de todos em relação a uma "problema" atual, para que tanto poder assim? Sabemos que ninguém é melhor que ninguém e temos que

permanecer o lugar e não praticamos a violência por que poder não
está no céu, e se formos máximos ao final de tudo isso, é preciso fazeremos
o bem e conquistamos novos caráter, pensando na melhor religião e acreditar,
mas que para sermos poderosos, não precisamos ser violentos, pensando nos
outros e no que acontecerá no futuro e no que desejamos para outras gerações.

Final parágrafo e conclusão.

A. L. M.

VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM DE PRODUÇÃO TEXTUAL



Aluno(a): _____ N.º 04 8ª Série: 19
Professor(a): Nadia Data: 22/02/07 Valor: 50 pontos

(2)

Obs: Caso o aluno(a) não obtendo 60% do valor total da Verificação da Aprendizagem, ele poderá fazer a Recuperação Paralela no dia 15/09 das 10h às 11h40.

Leia o poema abaixo:

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem. (Manuel Bandeira)

Conforme as discussões realizadas em sala de aula relativas aos textos: O LOBO E O CORDEIRO (Jean de La Fontaine), ESSAS MENINAS (Carlos Drummond de Andrade) e O BICHO (Manuel Bandeira) e também reflexões desenvolvidas em outras disciplinas quanto a exposição de poder. Produza um texto dissertativo evidenciando aspectos relacionados ao assunto poder x violência.

Para essa produção fique atento:

- crie um título sugestivo;
- escreva seu texto baseado no parágrafo tipo interrogação;
- no desenvolvimento, utilize três argumentos;
- elabore uma conclusão tipo síntese ou proposta.

A violência ~~é~~ influenciada pelo poder.

Atualmente ~~há~~ existe muita desigualdade social, em relação a esfera social da pessoa, a sua cor, e também em relação da situação financeira de cada pessoa. Assim as pessoas praticam a violência, seja na forma bullying, e ~~as~~ as pessoas utilizam para o crime, para conseguirem objetivos.

Um dos grandes problemas que faz ~~as~~ pessoas utilizarem para o crime, e que o poder está na "mão" de poucos, assim muitas pessoas não têm dinheiro para sobreviver, e acabam ~~em~~ sobrando para ~~os~~ que sabem.

Então ~~é~~ porque essas pessoas que têm poder, não mudam a situação de violência no país? Porque elas não se importam com eles mesmos, e só querem ganhar mais poder, mais dinheiro.

Assim as pessoas menos favorecidas passam fome, e não conseguem manter a sua dignidade, e não ~~tem~~.

Principalmente as pessoas que têm poder não vão fazer alguma coisa, quando acontece algo com seus funcionários e amigos.

Portanto a violência e o poder estão caminhando

junior, coisa que não pode ocorrer, pois se po-
derem sem que combata a violência, ~~porque~~ etc

Melhorar na letra e revisar parágrafos!

R. A.

~~Nome~~

VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM DE PRODUÇÃO TEXTUAL

72. NOBEL

Aluno(a): _____ N.º 30 8ª Série: A

Professor(a): Madio Data: 22/08/08 Valor: 50 pontos

Obs: Caso o aluno(a) não obtendo 60% do valor total da Verificação da Aprendizagem, ele poderá fazer a Recuperação Paralela no dia 15/09 das 10h às 11h40.

Leia o poema abaixo:

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Na era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem. (Manuel Bandeira)

Conforme as discussões realizadas em sala de aula relativas aos textos: O LOBO E O CORDEIRO (Jean de La Fontaine), ESSAS MENINAS (Carlos Drummond de Andrade) e O BICHO (Manuel Bandeira) e também reflexões desenvolvidas em outras disciplinas quanto a explosão de poder. Produza um texto dissertativo evidenciando aspectos relacionados ao assunto poder x violência.

Para essa produção fique atento:

- crie um título sugestivo;
- escreva seu texto baseado no parágrafo tipo interrogação;
- no desenvolvimento, utilize três argumentos;
- elabore uma conclusão tipo síntese ou proposta.

Autaridades

Encontramos em nossa sociedade vários tipos de cargos que se exigem autoridade e poder (assim) acima de pessoas físicas, como por exemplo juiz, coronel, militar, policial etc. Isso não quer dizer que a autoridade seja o mesmo, mas que tem autoridade de maneira diferente de tanto respeito mas dentro das leis nacionais.

Vivemos que em alguns estados brasileiros esse tipo de respeito não vem respeitado, mas são próprios policiais que atacam pessoas civis. Repartagem e acontecimentos registram que para cumprir qualquer ordem de o detentamento de pessoas suspeitas, policiais agredem os com socos, pontos-pis, bato de bazuco e prisão de pessoas suspeitas com meios sem qualquer motivo, agora em quem deveria ser a lei. Nesse tipo de situação não sabem a quem obedecer e com medo de trançar em suas próprias coisas. Outro tipo de violência é a induzida a crime pelo tráfico e crimes que são efetuados por autoridades, porém não fazendo seu trabalho proposto.

Este tipo de comportamento ocorre por falta de chama de seus profissões e caráter, mas a cima

de tudo o falta de preparo (competência) e a remuneração. O governo não paga como devia seus empregados públicos, decidindo-se desvalorizar a ~~profissão~~ profissão, outra forma é a falta de preços que se dá, em todos os aspectos. Isso devido ser visto em nossa sociedade que é problemático em relação a esse ~~problema~~ assunto que que muitos outros.

Reza o parágrafo 2 a conclusão:

D. B.

VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM DE PRODUÇÃO TEXTUAL



Aluno(a): _____ N.º 12 8ª Série: A

Professor(a): Madria Data: 22/08/05 Valor: 50 pontos

Obs: Caso o aluno(a) não obtendo 80% do valor total da Verificação da Aprendizagem, ele poderá fazer a Recuperação Paralela no dia 16/09 das 10h às 11h40.

4

Leia o poema abaixo:

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem. (Manuel Bandeira)

Conforme as discussões realizadas em sala de aula relativas aos textos: O LOBO E O CORDEIRO (Jean de La Fontaine), ESSAS MENINAS (Carlos Drummond de Andrade) e O BICHO (Manuel Bandeira) e também reflexões desenvolvidas em outras disciplinas quanto a explosão de poder. Produza um texto dissertativo evidenciando aspectos relacionados ao assunto poder x violência.

Para essa produção fique atento:

- crie um título sugestivo;
- escreva seu texto baseado no parágrafo tipo interrogação;
- no desenvolvimento, utilize três argumentos;
- elabore uma conclusão tipo síntese ou proposta.

O. população e os políticos

Atualmente as pessoas que tem muito poder, como por exemplo os políticos, são alguns mas ~~podem~~ são muito violentos, pois eles não sabem fazer os momentos.

Alguns não sabem governar daí as pessoas se revoltam? Porque a maioria promete e não cumpre? ~~Por~~ O ~~que~~ sociedade sou se distando com os políticos e não partindo pra violência. Não sabem que assim é uma maneira certa? Não nos sabem que assim os vai para a situação? Então pois tem que pensar antes de partir para a violência a violência não leva as pessoas a nenhum lugar. Que nós não ganham com isso?

Podemos concluir que nada vale apenas partir para a violência pois a violência é sem por que o poder? Porque pelo menos a ~~gente~~ a pessoa tem poder ela não vai fazer nada se for a pessoa fazer alguma coisa.

Rever os parágrafos e a conclusão.